



**Andrêa Sónia da
Costa Pereira da Silva**

Diversidades como Motivação: Materiais e Técnicas para a
Disciplina de Educação Visual



Universidade de Aveiro
2010

Departamento de Educação e Tecnologia
Educativa

**Andrêa Sónia da
Costa Pereira da Silva**

**Diversidades como Motivação: Materiais e Técnicas para a
Disciplina de Educação Visual**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, realizada sob a orientação científica da Professor Doutor Paulo Bernardino, Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

O júri

Presidente	Professora Doutora Teresa Maria Bettencourt da Cruz, Universidade de Aveiro
Vogal - Arguente Principal	Professor Doutor Pedro Bessa, Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro
Vogal - Orientador	Professor Doutor Paulo Bernardino, Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

agradecimentos

O desenvolvimento deste relatório tornou-se numa realidade graças a algumas pessoas que tiveram um papel fundamental e que desempenharam funções cruciais no desenvolvimento do mesmo.

A essas pessoas que me acompanharam durante este percurso, expresso aqui os meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço à Doutora Teresa Bettencourt, Coordenadora deste Mestrado, pela disponibilidade, apoio e vontade em resolver todos os assuntos e ao meu orientador, Doutor Paulo Bernardino, as indicações dadas para a realização do meu relatório.

Ao meu colega e amigo Floriano Gonçalves, professor do agrupamento onde efectuei o estágio, pela ajuda, colaboração e disponibilidade, uma vez que foi imprescindível para a realização dos meus projectos.

Aos elementos da direcção do Agrupamento de Escolas de Mota onde realizei o estágio, nomeadamente ao Director, Professor Carlos Monteiro e Professor Freitas, pela boa vontade sempre presente e pela disponibilidade em apoiar logisticamente o desenvolvimento deste projecto.

O meu profundo agradecimento aos meus amigos, que sempre me apoiaram e incentivaram nos momentos mais difíceis, principalmente à minha cunhada Dra. Carla Silva, pelo apoio dado no desenvolvimento do meu projecto e ao meu Marido, pela sua disponibilidade para me ajudar a responder a dúvidas, facilitando deste modo todas as condições para a finalização deste relatório.

Agradeço à minha família, que me apoiou e ajudou nos momentos mais difíceis.

palavras-chave

Motivação, Educação Visual, Materiais e Técnicas

resumo

Numa disciplina como a Educação Visual, é essencial que se permita a abordagem específica dos interesses dos alunos, promovendo uma aprendizagem prática, passando pelas estratégias de estimulação da motivação e permitindo deste modo ao aluno, experimentar, descobrir e desenvolver o próprio raciocínio. Nesse sentido, o professor tem um papel fundamental como agente activo no processo de transmissão de conhecimentos artísticos, estimulando e motivando nos alunos o gosto pela Arte. Respondendo às necessidades que me foram apresentadas, realizei três inquéritos por questionário (anexo E,F,G) aos alunos do 9º ano de escolaridade, baseado sobretudo na experimentação de materiais como forma de os incentivar. Posteriormente, foram utilizadas diversas estratégias que passaram pela apresentação de um Power Point sobre *Movimentos artísticos do Mundo Ocidental – 1ª Metade do século XX* (anexo B), bem como um artigo designado “*Os materiais na obra de arte e a abordagem destes no ensino*” (anexo C), e ainda livros e manuais existentes na biblioteca escolar, estes como recurso de pesquisa para proporcionar aprendizagens e conhecimentos específicos, no sentido de potenciar a motivação dos mesmos para a disciplina em questão. Foi determinante para a escolha do tema deste relatório final todo o percurso efectuado.

A técnica utilizada foi o questionário, que serviu duas finalidades da investigação a realizar, a saber, finalidades qualitativas e finalidades quantitativas, estas últimas apresentadas nos gráficos de análise do mesmo. A recolha da informação através do questionário foi feita de um modo misto, dado que o mesmo contém perguntas de resposta aberta e fechada. Esta metodologia foi a que melhor serviu as especificidades do objecto de estudo a realizar, designadamente a disciplina de educação visual.

Tendo consciência, enquanto professora estagiária, da realidade existente no Agrupamento de Escolas de Mota, no que respeita a carência de conhecimentos ligados à Arte, foi proporcionada aos alunos uma efectiva interacção com a disciplina de Educação Visual, despertando-lhes desta forma uma motivação maior para a experimentação e criação de novas e diversas maneiras de trabalhar na disciplina. A melhoria verificada da motivação para a disciplina de Educação Visual aproveitou-se das potencialidades dos materiais e técnicas utilizados, no sentido de proporcionar aprendizagens diversificadas, satisfazendo desta maneira os objectivos do sistema de ensino.

Abstract

In a class such as Visual Education, it is essential to captivate the students' specific individual interests, providing an active learning experience with the usage of motivational strategies which allow for experimentation and the development of reason and intellect. In this sense, the teacher has an active and fundamental role in transmitting their knowledge of art so as to enhance and motivate the students.

With this in account, and as to address directly the necessities which were apparent in the survey done to students of the ninth grade (annex E, F and G), the theme of this final report is based on the experimentation of materials as an incentive for learning and more specifically their motivation towards the class. In the same way, several other motivation strategies were used in this thesis, like a power point presentation about "*Movimentos artísticos do Mundo Ocidental – 1ª Metade do século XX*" (anexo B), as well as the view of the article entitled "*Os materiais na obra de arte e a abordagem destes no ensino*" (anexo C), and also books and manuals existing in the school library, as a research resource to promote learning's and specific knowledge, giving the students the interest to potentiate their motivation to the discipline regarded. All the work carried out was determinant to the choice of this thesis theme.

The method of work used throughout this thesis were the surveys, which served two finalities of this research, namely qualitative and quantitative, being this last one presented in the reported figures. The gathering of information through surveys was performed in a mixed method, since the inquiries contain both closed and open answers. This methodology was the one that best served the specificities of the object of study, namely the discipline of Visual Education.

Having conscience, while a teacher in training, of the reality existing in this group of schools in what concerns the lack of knowledge regarding art, it was given to the students an effective interaction with the discipline of Visual Education, giving rise to a greater awareness and motivation for experimentation and the creation of new and diverse ways of working in class. The enhancement of motivation for the class must be based on the appliance of the potential of all materials and techniques, as to allow diversification in the learning process, in a way that will meet the objectives established by our system of education.

ÍNDICE

Índice de Tabelas	4
Índice de Figuras.....	4
Índice de Imagens	5
Introdução.....	6
CAPÍTULO 1	8
Demarcação do problema	8
1.1 -Organização do relatório	9
1.2 - Apresentação do problema	9
1.3– Objectivos	11
CAPÍTULO 2	12
Caracterização e enquadramento Geográfico da Escola.....	12
2.1 – Justificação do tema	13
2.2 - Enquadramento Geográfico.....	13
2.2.1-Actividades Económicas do meio	14
2.2.2 – Ensino	14
2.3 – Identificação do Agrupamento de Escolas de Mota.....	15
2.4 - Caracterização das turmas	16
2.4.1 - Análise Sócio – Biográfica da população em estudo	17
CAPÍTULO 3	19
Motivar (Técnicas e materiais): A disciplina e o professor	19

3.1 – Motivação	20
3.2 – Conceito de Motivação.....	22
3.2.1 – Ciclo Motivacional	26
3.2.2 - Motivação intrínseca e extrínseca.....	26
3.3 - Técnicas e materiais	27
3.4 - A disciplina de Educação Visual	29
3.5- O papel do professor	34
CAPÍTULO 4	39
Metodologia Utilizada.....	39
4.1– Questionário.....	40
4.1.1 – Metodologia específica utilizada.....	41
4.2 - Exemplos de trabalhos realizados pelos alunos, em virtude do projecto desenvolvido	44
4.2.1 – Trabalhos referentes ao projecto nº1, experimentação do material “Carvão”.	44
4.2.2 – Trabalhos referentes ao projecto nº2, experimentação do material “Pastel de óleo” e “pastel seco”.	45
4.2.3 – Trabalhos referentes ao projecto nº3, experimentação do material “Acrílico	45
4.3 - Problema.....	46
4.4– Amostra	46
CAPÍTULO 5	47
Análises e gráficos.....	47
5.1– Análise de Dados	48

5.2 – Análise questionário nº1	48
5.2.1 - Conclusões intermédias.....	53
5.3 – Análise do questionário Nº2	53
5.3.1 - Conclusões intermédias.....	59
5.4 – Análise questionário nº3	59
5.4.1 - Conclusões Intermédias.....	60
CAPÍTULO 6	61
Conclusões e comentários.....	61
6.1 - Conclusões Finais	62
6.2 - Perspectivas de trabalho futuro.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS e SITOGRAFICAS	64
ANEXOS.....	68
ANEXO A.....	69
Fotografias de trabalhos	69
ANEXO B	100
✓ Power Point “ Movimentos Artísticos do Mundo Ocidental – 1ª Metade do sec. XX.....	100
ANEXO C	107
Power Point “Os Materiais na arte e a abordagem destes materiais no ensino”	107
ANEXO D	111
✓ Artigo “os Materiais na Arte e a abordagem destes no Ensino	111
ANEXO E	123

Questionário n.º1	123
ANEXO F.....	126
Questionário n.º2	126
ANEXO G	130
Questionário n.º3	130

Índice de Tabelas

Tabela 1	17
Tabela 2 – Síntese dos projectos realizados durante o decurso do estudo	43

Índice de Figuras

Figura 1 – Composição do agregado familiar dos alunos envolvidos no estudo.	48
Figura 2 – Ocupação dos alunos no final do dia de aulas e no fim de semana.	49
Figura 3 – Passatempos e programas televisivos preferidos pelos alunos.	50
Figura 4 – Visitas a museus e exposições de arte pelos alunos.	51
Figura 5 – Conhecimento de obras de artistas plásticos.	51
Figura 6 – Acesso a museus e a cinemas na área de residência.	52
Figura 7 – Acesso à internet e aplicações mais utilizadas pelos alunos.	52
Figura 8 - Idade e distribuição por sexo dos alunos envolvidos no estudo.	53
Figura 9 - Materiais usados por rotina ou já utilizados pelos alunos envolvidos no estudo.	54
Figura 10 – Materiais que os alunos mais gostaram de trabalhar, em relação aos materiais já utilizados e razões apontadas para essa escolha.	54
Figura 11 – Dificuldades sentidas pelos alunos em trabalhar esses materiais.	55
Figura 12 – Material mais utilizado pelos alunos e razões apontadas para a utilização com maior frequência desse material.	55
Figura 13 – Materiais que os alunos mostraram vontade de experimentar.	56
Figura 14 – Materiais de suporte conhecidos pelos alunos envolvidos no estudo.	56
Figura 15 – Materiais de suporte mais utilizado pelos alunos envolvidos no estudo e razões apontadas para justificar a utilização desse material.	57
Figura 16 – Material de suporte que os alunos manifestaram vontade de experimentar.	57
Figura 17 – Análise do meio envolvente em relação à disponibilidade de aquisição dos materiais e interesse manifestado pela disciplina de Educação Visual.	58
Figura 18 – Análise da motivação dos alunos para experimentarem materiais novos, dentro da sala de aula de Educação Visual.	59

Índice de Imagens

Imagem n.º 1: Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho.	44
Imagem n.º 2: Técnica: Pastel de óleo sobre tela.	45
Imagem n.º 3: Técnica: Acrílico sobre tela	45

Introdução

Hoje em dia, o professor não deve proporcionar apenas aprendizagens de conceitos, é necessário que essas aprendizagens abarquem outras consciências e objectivos, para que exista uma consolidação, domínio e aprofundamento de saberes mais efectivos.

Segundo Jonh Dewey (1976), a experiência educativa é uma experiência em que participa o pensamento, através do qual se percebem relações e continuidades antes não percebidas, sendo que a experiência desenvolve os conhecimentos e dá um significado mais profundo à vida.

O presente relatório surge no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais, 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, realizado na Universidade de Aveiro, no ano de 2009/2010, sob a orientação do Professor Doutor Paulo Bernardino, com o objectivo de desenvolver um projecto que visa a valorização da diversidade dos materiais e técnicas na disciplina de Educação Visual.

É essencial, hoje em dia, que os professores valorizem a diversidade de materiais existentes como forma de motivação, e proporcionem aos seus alunos actividades diversificadas, com o intuito de os enriquecer, num sentido globalizante.

Segundo um diagnóstico de carências, confirmado após análise dos questionários realizados aos alunos sobre os materiais utilizados e sobre os que gostariam de experimentar, desenvolveram-se três projectos, o primeiro utilizando a técnica de carvão, o segundo utilizando a técnica de pastel de óleo e seco e, por último, empregando a técnica de pintura em acrílico. Os referidos projectos visaram proporcionar a estes alunos aprendizagens dinâmicas, inovadoras e motivadoras, incentivando-os para a disciplina de Educação Visual e, sobretudo, para a consciencialização e conhecimento da Arte enquanto forma de expressão da Humanidade.

No entendimento de Herbert Read (1982), numa educação em que a base seja a arte, esta deverá ser facultada à criança de uma forma expressiva, criativa, lúdica, proporcionando na criança a motivação, a expressão de sentimentos e a criatividade.

A investigação segundo, Cohen & Manion, (1994:46), “(...) é uma combinação de experiências e de lógica que deverá ser considerada como a melhor forma de descobrir a verdade”.

A frequente distinção entre uma investigação quantitativa e qualitativa refere-se a uma diferenciação importante no que diz respeito à análise e recolha dos dados. Nesse sentido, as abordagens quantitativas focam-se mais na formação de grupos de múltiplas informações relacionadas de forma a gerar frequências, medidas, comparações e dados estatísticos. No que respeita a investigação qualitativa, esta dá importância à análise de elementos específicos de informação, de forma a poder compreender melhor o seu significado e ajudar a imaginar o contexto da situação.

Tendo por base os objectivos do meu estudo, optei por uma investigação quantitativa, designadamente pela aplicação de questionário, segundo Pinto, Amâncio (1990:57), “É o instrumento mais utilizado para se obter informações sobre um dado problema, que uma vez analisado poderá permitir a determinação de relações entre as diferentes variáveis.”

CAPÍTULO 1

Demarcação do problema

1.1 -Organização do relatório

Tendo em conta o que foi mencionado, o trabalho foi organizado em três partes distintas, sendo que, na primeira das quais se dividiu em três capítulos, o primeiro capítulo é pertencente à demarcação do problema, o segundo é referente à caracterização e enquadramento geográfico da escola, nele, faz-se referência à escola e às turmas onde foi desenvolvido o estudo. Sendo que, no terceiro capítulo está dividido em quatro pontos distintos. O primeiro ponto aborda a temática da motivação, o segundo ponto, refere-se a técnicas e materiais, o terceiro enquadra a disciplina de educação visual e, por último, faz-se referência ao papel do professor neste contexto.

A segunda parte deste relatório é referente ao projecto que consiste na descrição esquemática do processo utilizado para trabalhar os materiais anteriormente referidos, com a finalidade de dinamizar as aulas e motivar os alunos para a disciplina de Educação Visual. Sendo que no quarto capítulo, é feita referência à metodologia utilizada, a análise de dados recolhidos através do questionário, realizou-se no quinto capítulo.

As conclusões finais encontram-se no sexto capítulo, terceira e última parte deste relatório.

1.2 - Apresentação do problema

A problemática estabelece a primeira fase na preparação de um estudo ou de uma investigação. O problema deve pelo menos ser concreto ou real, para além de agrupar as condições necessárias para ser estudado.

Tendo como ponto de partida uma observação desinteressada realizada durante os primeiros dias em que tive contacto com os alunos da escola onde estagiei, apercebi-me que grande parte deles revelava comportamentos impróprios à sala de aula quando lhes era pedido um determinado trabalho. Sempre que lhes era requisitada a elaboração de um certo exercício na sala de aula, a sua reacção mostrava traços de passividade, aborrecimento e mesmo de irritação, perante a tarefa que lhes era exigida. Esta forma de encarar o trabalho no contexto da disciplina de educação visual colocava, por um lado, os alunos à margem

das oportunidades de aprendizagem, e por outro, impulsionava reacções adversas que se reflectiam, em última análise, na relação com o próprio professor.

Percepcionei nitidamente que os alunos encaram a disciplina de educação visual como uma disciplina menor - com menos importância do que o português ou a matemática - e como tal sentem-se desmotivados para assimilarem os conteúdos abordados nesta, limitando-se a realizar o mínimo que lhes é pedido.

Foi no âmbito do presente ano lectivo, como professora estagiária, que me propus a elaboração deste tema de relatório, dado que verifiquei que os alunos, no geral, não têm uma noção clara sobre o que é a Arte, nem nunca trabalharam com outros materiais, a não ser os comuns, como os lápis, os lápis de cor, os marcadores e pouco mais. Nesse sentido, quis proporcionar a esses alunos uma vontade de experienciar outras formas de expressão, diversificando os materiais de trabalho e criando um ambiente agradável, proporcionador à aprendizagem.

Entendo ser função do professor facultar esse tipo de experiências aos alunos, tendo sido esse o sentido que pretendi explorar quando elaborei este relatório.

De referir, ainda, que este projecto foi elaborado, tendo por base as experiências diversificadas realizadas com os alunos, dado que o primeiro projecto teve início no dia 10 de Fevereiro, o segundo, no dia 23 do mesmo mês e por último, o terceiro projecto teve início no dia 17 de Março, terminando a 16 de Abril, com uma exposição colectiva dos trabalhos desenvolvidos, este período corresponde ao tempo de estágio, conseguindo, no entanto, indicadores úteis e plausíveis para a avaliação do nível de motivação patente nos mesmos, pelo contacto com os diferentes materiais e técnicas que exploraram.

Procurando responder à problemática descrita anteriormente, irão ser referidas duas hipóteses;

1 – A diversidade de materiais e técnicas motivam os alunos para a disciplina de Educação Visual.

2 - A diversidade de materiais e técnicas, não motivam os alunos para a disciplina de Educação Visual.

1.3– Objectivos

Os objectivos são parte indispensável num projecto desta natureza, na medida em que acabam por definir as fronteiras do estudo, estabelecem uma linha orientadora precisa e uma maior economia de esforços racionalizados, para a finalização do mesmo. A falta de objectivos pré definidos num determinado estudo, propicia a possibilidade do mesmo deslizar ao acaso.

Desta forma os objectivos gerais deste estudo que se concretiza no relatório final de estágio são os seguintes:

- Motivar os alunos para a disciplina de Educação Visual, dando-lhes a conhecer novos materiais, novas formas de fazer arte.
- Proporcionar um contacto mais directo com a criação artística.
- Proporcionar aos alunos aulas mais activas.
- Fornecer-lhes conhecimentos, no sentido de os tornar mais atentos e sensíveis ao que os rodeia.
- Motivar os alunos à criatividade e fomentar o gosto pelas artes.

CAPÍTULO 2

Caracterização e enquadramento Geográfico da Escola

2.1 – Justificação do tema

A prática pedagógica exige sempre investigação por parte do professor, nesse sentido é essencial conhecer a realidade sócio – económico – cultural e educativa da escola onde se está a leccionar de forma a conseguir perceber quais as necessidades existentes.

Um dos aspectos relevantes que se tem de conhecer é o meio onde está inserida a escola e os recursos nela existentes, uma vez que este influencia a forma de ser e de agir dos alunos.

É importante, igualmente, saber quais são os interesses dos alunos para que os saibamos motivar, tal como as expectativas da comunidade para que esta interaja com a escola, por forma, a ajudarmo-nos, com o objectivo de proporcionar o máximo de experiencias positivas e uma maior transmissão de saberes aos alunos.

Os Projectos Educativos são um espelho da escola, e nesse sentido é importante que o professor o tenha sempre presente, como uma ferramenta importante no processo ensino-aprendizagem.

2.2 - Enquadramento Geográfico

O Concelho de Celorico de Basto situa-se numa região de relevo acentuado no Norte do país. Pertence à província do Minho e ao distrito de Braga. Tem como concelhos vizinhos, Fafe, Amarante, Mondim e Cabeceiras. Estes dois últimos, conjuntamente com Celorico e Ribeira de Pena, formam a denominada região de Basto.

A interioridade, o isolamento e as insuficientes e desactualizadas vias de comunicação têm prolongado no tempo a estagnação socioeconómica a que este povo está condenado. A recente construção da Variante do Tâmega poderá ser um potencial facilitador do desenvolvimento desta terra.

2.2.1-Actividades Económicas do meio

A agricultura ainda continua a ser a tradicionalista - agricultura de subsistência - o que coloca a população numa situação de desvantagem económica contribuindo para uma pobreza mais acentuada. Os produtos explorados são: O milho, a batata, a vinha, a florestação, a pecuária, etc.

A nível industrial conhecem-se pequenas fábricas têxteis e algumas serrações que vão servindo para minimizar a carência de trabalho da população. Nos últimos anos foram criadas várias “zonas industriais” que, parecem, começar a desenvolver-se.

A grande pobreza das populações, aliada à baixa escolaridade das mesmas, levou a que um grande número de famílias deste concelho venha a receber o ordenado mínimo garantido, de forma a minorar essa pobreza e, simultaneamente, lhes esteja a ser ministrada formação profissional e educacional.

2.2.2 – Ensino

Actualmente, no que diz respeito a esta matéria, o concelho já possui 3 escolas EB2,3; uma em Celorico, outra na Gandarela e a última na Mota. Existe uma única Escola Secundária, situada em Gémeos.

Existem actualmente quatro Agrupamentos, sendo que um é horizontal (Vila, Celorico de Basto) e os outros três (Mota, Gandarela e EB2,3 + Secundária de Celorico de Basto) são verticais.

Este concelho é também caracterizado com uma elevada taxa de analfabetismo, segundo os últimos censos efectuados.

2.3 – Identificação do Agrupamento de Escolas de Mota

O Agrupamento situa-se na Escola EBI de Mota, inaugurada em 10/09/1995, (Século XX), com o código: 342282, é formado por seis das vinte e duas Freguesias do Concelho de Celorico de Basto, nomeadamente: Agilde; Borba da Montanha; Carvalho; Fervença; Moreira do Castelo e Infesta.

Segundo vetustos documentos, estas Terras de Basto, eram já referidas em antigas notas, desde a antiga Grécia, como Celióbriga. Mais tarde, são faladas no tempo de Fernando Magno, bisavô daquele que veio a ser o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques. Para alguns historiadores, nestas terras existiram povos cognominados «Bástulos», que viveram anteriormente à nacionalidade portuguesa e que estarão na origem do nome destas terras – “Terras de Basto”.

Em relação ao património e dentro da área do Agrupamento, podemos encontrar o Castelo de Arnoia; a Casa do Mugido em Borba da Montanha; Capela-Mor da Igreja e casa do Vinhal em Fervença; Casa da Torre em Moreira do Castelo e várias casas senhoriais, testemunho da existência de famílias ricas e poderosas, algumas com brasão e capela.

A Sede do Agrupamento de Escolas de Mota dista 15 km da Sede do Concelho, constituindo uma zona periférica, isolada e rural. Pode-se sempre recorrer para qualquer eventualidade, às Cidades de Fafe, (16 km); Amarante, (15 km); Lixa, (8 km) e Felgueiras, (12 km).

A população escolar do Agrupamento de Escolas de Mota, é essencialmente oriunda de zonas rurais, proveniente de famílias na sua maioria de classes sociais com rendimentos considerados médios/baixos, com ocupações relacionadas com o proletariado agrícola e assalariados da construção civil ou indústria têxtil.

No presente ano lectivo de 2009/2010, o Agrupamento de Escolas de Mota, serve uma população de alunos, distribuídos pelos diferentes anos de escolaridade, do Pré-Escolar ao 9º ano de escolaridade, 76 Professores e 33 funcionários que laboram nas diferentes escolas e Jardins-de-infância.

A Escola Sede, onde funciona o 1º, 2º e 3º ciclo do Ensino Básico, assume a leccionação de 20 turmas (4 do 1º ciclo, 3 do 5º ano; 3 do 6º ano; 3 do 7º ano; 2 do 8º ano e 2 do 9º ano), contando com um corpo docente com cerca de 4 Professores do 1º Ciclo, 43 Professores do 2º e 3º ciclo e 2 Psicólogos, oferecendo um serviço de SPO (Serviço de Psicologia e Orientação) com 30 horas semanais, para uma população discente composta por 783 alunos, (142 no 1º ciclo; 296 no 2º ciclo; 140 no 3º ciclo e 208 no 4º ciclo).

O Pré-Escolar é composto por 7 turmas, com um total de 142 alunos, asseguradas por 8 Educadoras e 14 Auxiliares de Acção Educativa.

As 8 Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico, assumem a educação 296 alunos, distribuídos por 17 grupos/turmas, (do 1º Ano - 4 turmas (59 alunos); do 2º Ano - 5 turmas (84 alunos); do 3º Ano - 4 turmas (70 alunos) e do 4º Ano - 4 turmas (82 alunos), asseguradas por 25 Professores e 9 Auxiliares de Acção Educativa.

O 2º Ciclo, é composto por 3 turmas, do 5º Ano (70 alunos) e por 3 turmas do 6º Ano (70 alunos), um total de 140 alunos.

O 3º Ciclo é composto por 3 turmas do 7º Ano (67 alunos), por 2 turmas do 8º Ano (38 alunos) e por 2 turmas do 9º Ano (32 alunos), um total de 137 alunos.

No que diz respeito à população não docente, a EB 2,3 de Mota conta com 5 funcionários Administrativos; 17 Auxiliares de Acção Educativa; 2 Guardas – Nocturnos.

2.4 - Caracterização das turmas

O projecto foi posto em prática nas turmas do 9ºano, para a maioria destes alunos um ano terminal em relação aos estudos, devido a baixas expectativas em relação à escolaridade, assim como aos baixos rendimentos do agregado familiar.

Desta forma, trabalhei com estas turmas no sentido de lhes mostrar que existe mais para além das experiências até então vividas, para que eles sintam a vontade de continuar uma

busca incessante nas experiências que lhes permitem abrir novos horizontes, assim como incentivar a continuidade dos estudos no terceiro ciclo.

2.4.1 - Análise Sócio – Biográfica da população em estudo

Na tabela 1, são apresentados os dados referentes à análise sócio biográfica da população em estudo.

Tabela 1

População em estudo				32
Alunos	Transporte	Autocarro		26
		Carro		3
		A pé		2
		Táxi		1
	Escalão	A		21
		B		5
		C		6
Agregado Familiar	Pai	Habilitações Literárias	1.º Ciclo	19
			2.º Ciclo	8
			3.º Ciclo	5
		Profissões	Desempregado	3
			Operário Fabril	13
			Comerciante	10
			Reformado	1
			Agricultor	5
		Habilitações	1.º Ciclo	18
			2.º Ciclo	9
			3.º Ciclo	5
	Mãe	Profissões	Desempregada	2
			Operária Fabril	6
			Comerciante	6
			Reformada	0
			Agricultora	0
			Doméstica	18

Podemos verificar, pela análise da tabela 1, que grande parte dos alunos utiliza como meio de transporte o autocarro. Pode-se concluir desta forma que a maioria dos alunos habita em localidades distantes da escola. À excepção dos dois alunos que vão a pé, existem outros dois que vão de táxi e carro, a justificação para esta situação assenta no motivo de estes dois alunos serem crianças com necessidades educativas especiais (NEE).

Nesta tabela verifica-se que a maioria das mães são domesticas e os pais têm empregos, que para os quais não lhes são exigidas grandes habilitações, tornando-se num entrave para o prosseguimento de estudos por parte dos alunos, já que as expectativas face aos estudos são baixas.

Na análise da tabela acima descrita, destaca-se que a maioria dos alunos tem escalão A, este indicador é conotado directamente com baixos rendimentos dos agregados familiares.

CAPÍTULO 3

Motivar (Técnicas e materiais): A disciplina e o professor.

3.1 – Motivação

“Na base da motivação, está sempre um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir. A motivação está também incluída no ambiente que estimula o organismo e que oferece o objecto de satisfação. E, por fim, na motivação está incluído o objecto que aparece como a possibilidade de satisfação da necessidade.”

(Bock, 2001, p. 121)

O termo “motivação” parece ser em princípio consensual por ser tão frequentemente utilizado na linguagem comum. O empenho e o desejo de aprender são possivelmente os principais alicerces da aprendizagem e da evolução do ser humano. A motivação origina não só melhor aprendizagem e desempenho, como também mais confiança e satisfação no trabalho executado. Nesse sentido deverá ser valorizada no contexto escolar, assim é importante desenvolver, desde cedo, nos alunos a capacidade de se auto-motivarem, tanto mais quanto a escola de hoje tem de preparar um misto heterogéneo de alunos para uma vida autónoma e produtiva. Segundo Lemos, Marina (2005:193),” (...) os alunos motivados demonstram comportamentos e pensamentos que optimizam a aprendizagem e o desempenho (...), pelo contrário alunos desmotivados revelam pensamentos e comportamentos globalmente negativos. São passivos, não se esforçam, evitam desafios e desistem facilmente...”.

Caminhando ao encontro destes problemas é fundamental que a escola e os professores propiciem aos seus alunos um ambiente agradável, motivador e facilitador da aprendizagem. A forma como são dadas as aulas pode ter uma forte influência sobre a motivação dos alunos. Segundo Bock (2001:67), “ (...) a descoberta e o desejo de saber, que o professor incute no aluno, desenvolve uma atitude de investigação, desenvolvendo no aluno um saber mais sólido”.

A motivação pode assumir diversos significados, sendo que todos eles procuram especificar a forma como o comportamento humano é iniciado, direccionado e sustentado. A falta de motivação leva à existência de passividade, desinteresse, aborrecimento, entre outros factores.

De acordo com Lemos (2005), os alunos com baixas percepções de capacidade, sentem-se mais vulneráveis e podem apresentar elevados níveis de stress e depressão, sendo que estes aspectos, segundo Lemos (2005:196) citando Bandura (1990),” (...) bloqueiam a capacidade de resolução de problemas, afectando negativamente o desempenho e subsequentemente a competência. Por sua vez alunos com percepções elevadas de capacidade, sentem-se mais motivados e estão dispostos a despende de mais esforço durante mais tempo e optam por concentrar os esforços e a atenção em actividades importantes para a realização da tarefa, ignorando por sua vez as actividades insignificantes”.

Todos os tipos de comportamento, tais como, a escolha de actividades, o esforço e a disposição, são influenciados pela confiança na capacidade, uma vez que percepções elevadas estimulam a situações desafiadoras, que irão enriquecer as competências dos indivíduos e percepções baixas geram constantes dúvidas e a desistência fácil perante determinadas dificuldades, diminuindo desta forma a auto estima e os afectos.

Bandura (1988:38),”Não é tanto a dúvida de si próprio, mas a capacidade de restauro da confiança em si mesmo que conta. A forte relação entre percepção de capacidade e resultados académicos deve-se em grande parte aos seus efeitos na qualidade da aprendizagem.”

Os aspectos comportamentais que traduzem a motivação segundo Lemos (2005) são:

A **Intensidade** é o nível de motivação indicado pelo esforço, pelo nível de actividade e pelo entusiasmo. É essencial que o professor esteja atento a estes sinais, pois só assim se consegue aperceber que tipo de alunos tem à sua frente e como orienta-los à aprendizagem.

A **direcção**, mais selectiva no que se refere aos objectivos e escolha de cursos de acção, ou seja os alunos conforme os seus objectivos pessoais são mais ou menos activos na participação.

Segundo Lemos (2005), a motivação é uma força que direcciona o comportamento, nesse sentido quanto maior for a motivação, mais positivo é o comportamento activo, e quanto menor for a motivação, mais negativo é o comportamento.

O comportamento humano está sempre direccionado para alguma coisa, o que demonstra que a motivação humana implica sempre a existência de uma acção orientada para um determinado objectivo.

Neste sentido o desenvolvimento de uma perspectiva de futuro tem de ter como base projectos e objectivos bem estruturados, neste seguimento segundo Fontaine (2005:71), diversos aspectos são importantes, “ (...) a definição de objectivos pessoais que o aluno pretende alcançar num futuro mais ou menos alargado; a elaboração de pistas para alcançar estes objectivos, formadas por etapas que constituem objectivos intermédios realistas; e a inclusão de objectivos escolares nestas pistas.” Segundo a mesma autora a acção do professor pode abordar este último aspecto de forma a elevar o valor instrumental das actividades escolares.

Este relatório tem por objectivo as diversidades dos materiais utilizados na sala de aula como motivação na disciplina de Educação Visual e é nesse sentido que irão ser apresentados alguns conceitos existentes sobre a motivação, segundo vários autores.

3.2 – Conceito de Motivação

Não é fácil definir o conceito de motivação, pois trata-se de um conceito invisível, de utilização generalizada nas ciências humanas e abordável segundo uma multiplicidade de perspectivas.

A motivação, como refere Berny (1998), diz respeito à estimulação, à direcção e à persistência do comportamento. Implica um movimento do indivíduo para a acção. Sendo aparentemente de significado simples, o conceito de motivação não se encontra uniformizado pelos diferentes autores, como podemos observar pela diversidade de definições encontradas na bibliografia.

Segundo Lemos (2005:193), “ (...) a motivação produz não só melhor aprendizagem e desempenho, mas também mais confiança em si próprio e maior satisfação no trabalho.” Desta forma a abordagem com os alunos, deverá partir pelo desenvolvimento do seu entusiasmo e despertar-lhes a curiosidade e interesses, para a utilização e experimentação de novos materiais, desta forma, os próprios alunos deverão querer aprender e experimentar cada vez mais, de forma a colmatar essas necessidades.

Sendo que motivação e aprendizagem são indissociáveis, no sentido que o desejo e a vontade de aprender são os alicerces, para uma aprendizagem mais sólida e para um desenvolvimento integral do ser humano.

Segundo Pinder (1998:32), “A conjugação de energias/forças internas e externas, forma, direcção, intensidade e duração (...)”, podemos definir motivação como o conjunto de forças energéticas que têm origem quer no indivíduo quer fora dele, e que moldam o comportamento de trabalho, determinando a sua forma, direcção, intensidade e duração.

Segundo Nuttim (1985:34), a motivação, “ (...) uma força que age sobre um sujeito e o põe em movimento; é uma energia que ao libertar-se põe a máquina a funcionar (...)”.

O mesmo autor considera ainda a motivação como sendo uma pressão afectiva, todo o sentimento passível de desencadear e de sustentar uma acção em direcção a um objectivo. A motivação é assim uma força que inicia, guia e mantém a direcção do comportamento. A motivação impele e guia um organismo à acção.

Um outro autor, Rosa (1994:52), mostra que motivação “(...)é um processo que consiste numa tensão intrínseca ao indivíduo, e por isso subjectiva, que provoca determinados comportamentos que têm em vista a satisfação das necessidades.” A motivação envolve um conjunto de processos internos que impele o organismo a satisfazer uma necessidade.

Pode ser uma necessidade biológica como por exemplo a fome, ou uma necessidade social, como o desejo de ser aceite pelos outros. As necessidades dos indivíduos activam estes estados impulsivos ao nível de excitação que levam o indivíduo a agir de modo a satisfazer tais necessidades.

A motivação para Neves (1998), não é passível de ser observada directamente, apenas pode interferir, na medida em que o que é possível observar directamente são os comportamentos e o seu resultado. Daí que, directamente, não se possa analisar a motivação que determinado indivíduo apresenta em determinado momento e contexto, mas pode-se analisar os seus comportamentos e o que deles resulta e, estudar dessa forma o estado motivacional desse indivíduo.

Já Michael (1996) refere que a motivação é o que define e responsabiliza o indivíduo na sua relação consigo próprio e na sua ligação com o mundo, e considera a motivação como uma força cujo os efeitos e direcção dependem dos projectos individuais num determinado contexto. Assim, também no contexto escolar, a motivação que o indivíduo tem para o desempenho das suas tarefas depende dos seus objectivos e projectos, quer a nível do seu trabalho quer a nível pessoal.

Para além de definir o conceito de motivação, segundo vários autores, referem os mesmos que a motivação é uma “Força” que leva o indivíduo a realizar uma acção, essa “Força” pode ser intrínseca, extrínseca ou mesmo a conjugação das duas, neste seguimento é importante reflectir também sobre a noção dos conceitos motivacionais, nomeadamente as **necessidades, impulsos, incentivos e motivos.**

Necessidade é um estado interno do organismo do indivíduo que por norma está carente de alguma coisa. Existem vários tipos de necessidades, de entre as quais: biológicas, como a fome, sede; psicológicas como o conhecimento e a realização pessoal; sociais como reconhecimento, estima. O conceito de necessidade é muitas vezes como sinónimo de desejo, motivo ou incentivo, mas cada um destes tem significado diferente. Normalmente uma necessidade faz com que exista um impulso.

Impulso significa tensão, urgência na realização de um comportamento. Os impulsos informam o organismo sobre o grau de urgência de uma acção. Os impulsos podem ser caracterizados como sendo primários ou secundários. Os impulsos primários estão associados a estados fisiológicos do organismo, ocorrem antes de qualquer aprendizagem e são universais como o alimento, a água, o desejo sexual, evitar a dor, entre outros. Os impulsos secundários são o resultado da aprendizagem e as características destes são aprendidas. Um impulso primário é interno e um impulso secundário é externo ao organismo.

Incentivo são estímulos externos que atraem ou repelem o comportamento do indivíduo e permitem satisfazer determinadas necessidades. O incentivo é um factor externo que tem a capacidade de direccionar o comportamento humano. Similarmente aos impulsos os incentivos também são do tipo primário, como a alimentação e secundário como a nota de um trabalho realizado. Os incentivos informam o organismo sobre as possibilidades de satisfazer uma necessidade.

McClelland & Atkinson, (1976), explicam que o motivo não está associado a mudanças fisiológicas e orgânicas, mas envolve antes desejos e aspirações para a acção em função de objectivos que são valorizados pelo indivíduo. O motivo envolve uma componente psicológica acentuada, um elemento emocional, e alguns exemplos são a realização pessoal, sucesso, auto-estima, liderança ou medo de fracasso.

A motivação é, portanto, e segundo Bock (1999), o processo que mobiliza o organismo para a acção, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objecto de satisfação. Isso significa que, na base da motivação, está sempre um organismo que apresenta uma necessidade, um desejo, uma intenção, um interesse, uma vontade ou uma predisposição para agir. A motivação está também incluída no ambiente que estimula o organismo e que oferece o objecto de satisfação. E, por fim, na motivação está incluído o objecto que aparece como a possibilidade de satisfação da necessidade.

3.2.1 – Ciclo Motivacional

De acordo com Lopes (1980), a motivação é cíclica, ou seja, o indivíduo sai do estado de equilíbrio interno, onde todas suas necessidades estão satisfeitas, e entra em um estado de desequilíbrio fisiológico ou psicológico, surgindo uma deficiência ou necessidade, que para ser satisfeita, gera estímulos a fim de aliviar a tensão e retornar ao estado inicial.

Porém, nem sempre se consegue extinguir essa tensão, podendo gerar frustração, que normalmente é liberada através da agressividade, mau humor, insónia, etc. Outras vezes, a intensidade dessa tensão é diminuída com a satisfação parcial dessa necessidade, onde outra solução (não ideal, mas satisfatória) é encontrada. Quando o ser humano não se encontra completamente satisfeito, ele precisa de algo.

O **Motivo** é o que leva o organismo a agir, tendo como componentes:

Necessidade: estado de falta fisiológica ou psicológica;

Impulso: processo interno que incita a pessoa à acção, ao conjunto de comportamentos que permitem atingir o objectivo.

Uma vez a necessidade satisfeita (objectivo atingido) é atingido um equilíbrio.

3.2.2 - Motivação intrínseca e extrínseca

De acordo com Monteiro (2001), motivação intrínseca está relacionada com os factores internos, tais como, a satisfação de realização de actividades pelo prazer de aprender, entre outros. Desta forma e segundo o mesmo autor, se um assunto nos interessa muito, concentramo-nos e aprendemos com mais facilidade e rapidez. A motivação extrínseca tem a ver com factores externos ou seja criação de incentivos para a aprendizagem, tais como, a avaliação, as recompensas, os elogios, os ganhos obtidos e os castigos evitados.

O conceito de motivação intrínseca para Lemos (2005), aplica-se ao sistema motivacional que sustenta a actividade que é realizada como um fim em si mesmo, pelas características

inerentes à própria actividade. O objectivo é realizar a actividade e não a obtenção de uma qualquer consequência exterior à actividade. Por contraste, o conceito de motivação extrínseca refere-se à actividade que é realizada tendo em vista algo exterior à actividade, como uma consequência ou um resultado. Sendo que motivação intrínseca associa-se a níveis elevados e a motivação extrínseca a níveis baixos de elaboração e envolvimento cognitivo.

As principais críticas à motivação extrínseca, segundo Lemos (2005) referem-se à dependência que esta forma de motivação cria (na ausência de recompensas não haverá envolvimento) e a potencial diminuição da motivação intrínseca preexistente (oferecer recompensas extrínsecas para actividades que são já intrinsecamente interessantes, pode minar o primeiro sistema de motivação).

Não é possível ambicionar que todos os alunos tenham o desejo intrínseco de aprender todo o tipo de assuntos. Assim segundo Lemos (2005:194) citando Krapp e Lemos (2002), “Relativamente a certas actividades o professor terá de criar uma dinâmica, entusiasmando os alunos a colaborarem num contexto de expectativas e satisfação que embora seja um investimento mais pontual e limitado no tempo, é eficaz para a aprendizagem”.

Os autores acima citados referem que a motivação intrínseca leva o indivíduo a realizar uma acção mesmo não tendo qualquer compensação em vista. Ao contrário desta, toda a motivação que tem em vista alguma recompensa é extrínseca.

3.3 - Técnicas e materiais

A obra de arte articula técnicas associadas aos materiais e aos suportes. Através destes materiais, o artista transforma a sua imaginação, razão e emoção em obras de arte, que transmitem novas perspectivas, formas e densidades da sociedade em que vivemos.

A arte é um elemento enriquecedor no desenvolvimento da expressão social e cultural da pessoa. Segundo Lowenfeld (1977), a arte é mais que um passatempo é uma comunicação significativa consigo próprio, é a selecção daqueles aspectos do seu meio, com os quais ela

se identifica, e a organização desses elementos num novo e significativo todo. Desempenha um papel fundamental, na educação dos alunos e nesse sentido desenhar, pintar ou construir constituem um processo complexo em que o aluno reúne diversos elementos da sua experiência, para formar um novo e significativo todo.

Segundo Stern, (1974), é necessário partir das necessidades do aluno e não do sistema de ensino para fazer educação pela arte e nesse sentido as técnicas criadoras têm propriedades educativas, sendo que o objectivo da educação artística, é o desabrochar da personalidade e integração social do ser.

A utilização dos diferentes meios de expressão permite desafios pessoais ou colectivos que contribuem para a construção da identidade pessoal de cada artista, facilitando desta forma um melhor entendimento por parte da sociedade e é neste sentido que Stern (1974) diz ser essencial criar condições nas escolas e meios eficazes para uma educação artística mais eficaz.

Stern (1974:31), “ Não se trata de ocupar a criança algumas horas, mas de usar a sua actividade para a educar. Certas técnicas mais do que outras têm virtudes educativas. A criança deve poder adquirir-las fácil e directamente, sem preparação teórica, e devem ter para ela o aspecto sério de um ofício.”

O desenvolvimento estético, segundo Lowenfeld, (1977), manifesta-se por uma capacidade sensitiva para integrar experiências num todo harmonioso. Esta integração pode ser observada na organização harmoniosa e na expressão de pensamentos, através de linhas, texturas e cores. Uma vez que o homem aprende através dos sentidos, um dos ingredientes básicos para uma experiência artística criadora, é a realização de um ambiente agradável entre o artista e o seu meio. Pintar, desenhar ou construir são processos constantes de assimilação e projecção de uma vasta soma de informações e conhecimentos que segundo Greene (2005), acredita que têm um papel fundamental na construção de atitudes diante da diversidade e estimula a capacidade de romper com o vulgar, sendo que a criação colectiva é um princípio fundamental para uma educação integral no mundo contemporâneo, diz também ser importante formar sujeitos com capacidade de criarem percepções de diferentes pontos de vista, diante de um mundo imperfeito.

Durante o período do pós-guerra, muitos professores de arte segundo Wooff (1982), eram obrigados a experimentar e a inovar com materiais diversificados, com papel de jornal, pedaços de cartão e trapos, que custavam pouco dinheiro e permitiam fazer maravilhas, com os poucos recursos disponíveis.

Os materiais utilizados para a realização de obras de arte são inúmeros, e cada material possui exigências diferentes, em função do seu uso. Os materiais tradicionais, do ensino público, tais como o lápis de cor, marcadores, lápis de cera, giz, guache, ainda hoje constituem uma grande parte dos materiais pedagógicos, mas com o aumento gradual dos recursos financeiros, em algumas escolas torna-se possível a utilização de outros recursos.

A confiança transmitida pelo professor ao aluno no que respeita ao uso de técnicas e materiais, depende essencialmente e segundo Wooff (1982:39), "(...) do gosto pela experimentação e pela inovação." As competências apreendidas podem tornar-se apenas receitas, para a repetição dos desejos do professor e não um meio de promoção do pensamento original.

3.4 - A disciplina de Educação Visual

A Educação Visual é uma disciplina fundamental para o crescimento e desenvolvimento harmonioso dos alunos, deve permitir-lhes desenvolver a percepção visual, a sensibilidade estética e a capacidade de comunicação, conjugando aptidões técnicas e manuais no domínio progressivo dos meios de expressão e comunicação visual, em intervenções expressivas, criativas e críticas, desenvolvendo o sentido social e a capacidade de intervenção na melhoria de aspectos visuais da comunidade envolvente. Segundo Gomes, Fernando (2008), a disciplina de Educação Visual, nasce como resposta a uma necessidade, que consistia desenvolver a parte cognitiva dos alunos, no entanto, anterior à disciplina de Educação Visual surgiram as escolas de Artes Decorativas, em meados do século XX, uma vez que foi a partir dessa época que pedagogos e psicólogos começaram a interessar-se pela "Arte Infantil", ou seja pelo estudo da expressão não verbal.

Por Educação Visual entende-se como sendo o lugar onde se aprende a fazer, interpretar , analisar e criticar essas representações, promove-se o pensamento visual, a expressão de ideias e sentimentos a partir de modos específicos deste campo do conhecimento humano. A Educação Visual inclui uma teoria e uma prática precisa a partir da reflexão, descoberta e criatividade.

A exploração das artes (nomeadamente dos materiais subjacentes a esta) desde cedo pela criança implicará um desenvolvimento da motricidade fina, um prazer, uma evolução, um modo de expressão. Oferecer condições para o aluno se expressar plasticamente é permitir o desenvolvimento sensível, cognitivo, emocional e motor.

A educação artística é uma forma de acesso à arte e à cultura, ampliando o conhecimento do mundo e desenvolvendo o sentido estético. Paralelamente, a expressão plástica, como vertente indissociável do processo educativo, pressupõe a articulação de conteúdos e de outras áreas da educação que contribuirão para o desenvolvimento global da criança.

As actividades de educação artística tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança. O uso de materiais e instrumentos diversificados e o domínio de várias técnicas permitirão enriquecer essas mesmas situações educativas.

A arte pode ser um grande auxílio na educação das crianças, um estímulo à imaginação e criatividade da criança. Promovendo a capacidade de lidar com elas próprias, com o seu próprio mundo. Uma experiência que tem influencia sobre a criança.

Segundo Lowenfeld (1954:19), “A arte pode constituir o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções. Pode tornar-se como um apoio que procuram naturalmente, ainda que de modo inconsciente cada vez que alguma coisa os aborrece; uma amiga à qual as crianças se dirigirão, quando as palavras se tornarem inadequadas”.

Após esta breve descrição apreendi que, a arte não se pode separar da educação, nem tão pouco a educação poderá ser plena se não contemplar esta área tão importante que é a arte. Quanto mais precocemente a arte estiver presente na educação das crianças maiores serão os benefícios.

A Educação Visual resume-se ao termo utilizado por Jonh Dewey (1967), “aprender-fazendo”, uma vez que permite ao aluno, novas formas de apreensão de técnicas e conhecimentos diversificados. Dewey foi um teórico Educacional, que se manifestou

contra a educação tradicional, marcada pela memorização e pelo intelectualismo, defendendo que ao aluno devem ser fornecidos todos os meios, para que saibam resolver por si próprios todos os problemas que lhes são colocados. Sendo que, segundo o mesmo autor, aquisição de valores educativos por parte dos alunos depende muito dos seus interesses e capacidades, tendo neste sentido a escola um papel importante, no sentido de ir ao encontro desses interesses, valorizando a curiosidade natural. Existe por parte deste autor uma valorização às actividades manuais, que segundo ele são estimuladoras da resolução de problemas concretos e impulsionadoras do espírito cooperativo e consequentemente social.

O princípio do seu processo de ensino-aprendizagem, baseava-se essencialmente na compreensão do saber de forma dinâmica, através de um método activo, onde o professor e aluno têm uma importância inequívoca, num processo centrado na partilha de responsabilidades e na experiência, na aprendizagem construída de forma colectiva tal como a produção do conhecimento, valorizando a ideia de que aprender e viver acontecem em simultâneo.

A Educação Visual, segundo Areal, Zita (2002), constitui-se como uma área de saber que se situa no interface da comunicação e da cultura dos indivíduos. Tornando-se necessária à organização de situações de aprendizagem, formais e não formais, para a apreensão dos elementos disponíveis no universo visual, deve permitir aos alunos, desenvolver a percepção visual, a sensibilidade e a capacidade de comunicação, conjugando aptidões técnicas e manuais no domínio progressivo dos meios de expressão e comunicação visual, em intervenções expressivas, criativas e críticas, desenvolvendo o sentido social e a capacidade de intervenção na melhoria de aspectos visuais da comunidade envolvente.

É uma disciplina onde os alunos devem dar vida aos seus trabalhos, no sentido de se empenharem verdadeiramente na sua realização, e possam desta forma implementar, as diversas técnicas apreendidas de uma forma criativa e motivadora. Esta implementação é feita quase de forma despercebida, pois neste tipo de disciplina o aluno é levado a aprender a fazer pelo prazer de fazer e não pela obrigação de saber fazer. Associando aptidões técnicas e manuais no domínio progressivo dos meios de expressão e comunicação visual, em mediações críticas e criativas. Na minha proposta de trabalho pretendi criar situações de

aprendizagem que sejam contextualizadas, com actividades orientadas de forma e segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico (2005:155), “ (...) a que os conteúdos a abordar surjam como facilitadores da apreensão dos códigos visuais e estéticos, decorram da dinâmica do projecto e permitam aos alunos aprendizagens significativas (...), articular os conteúdos programáticos, contextualizando-os com a realidade da comunidade em que se inserem”.

Tal como Dewey, Jean Piaget segundo Morgado (2005), criticava o ensino tradicional, dizendo ser inibidor das relações sociais e incentivador do desenvolvimento do trabalho individual, considerava também que a transmissão de conhecimentos era efectuada com base na memorização e fundamentada num saber livresco, que pouco contribuía para o emergir de um espírito autónomo. Foi um fortíssimo defensor da Escola Nova ou Activa, procurando que o processo educativo fosse assente em princípios sociais, morais e cognitivos, como forma de construção de indivíduos autónomos, críticos e criativos. Nesse seguimento considerou necessário a cooperação entre os pares, para a construção de um espírito crítico e de uma inteligência activa.

Segundo Wood, Gail (2000), a aprendizagem através da acção é muito mais efectiva, nada consegue substituir o acto físico de fazer as coisas, pois através da experiencia, aceleramos o processo da aprendizagem e quando as aprendizagens efectuadas na sala de aula, são transportadas para o exterior, estas ajudam-nos a apreender melhor e a valorizar tudo aquilo que aprendemos em contexto de sala de aula. É uma disciplina que permite e segundo o mesmo autor, ao aluno desenvolver um outro tipo de linguagem, que não a mais comum, como a escrita e a verbal, cujo objectivo consiste no desenvolvimento integral do aluno e na realização pessoal, através de actividades de expressão artística, que apelam para a imaginação e criatividade.

Rocha (2001:50) diz que é uma disciplina onde a liberdade de expressão é fomentada, “surgindo como um espaço para aliviar a tenção do rigor das matérias tidas como académicas”. Permite desenvolver por parte dos alunos, um conhecimento crítico em vez de apreciação de objectos supostamente estéticos, “ o que se pretende é a não experiencia empática da apreciação das obras mas a sua análise crítica”, Rocha (2001:52).

Durante a adolescência, existe um período de incerteza quanto ao caminho a seguir e a falta de confiança demonstrada por estes, levam a comentários tipo, “não sei desenhar”, Terence Wooff (1982) diz que este tipo de comentário reflecte não apenas as incertezas da primeira adolescência, mas também muitas das concepções erradas sobre a natureza das experiências artísticas, que os adultos transferem para as crianças. Verifica-se nestas idades uma maior preocupação com pormenores, evidenciam-se também sinais de preocupação quando o desenho efectuado por estes, não se parecer com o real observado, Terence Woof, (1982:26) “ (...) uma maior agudeza de observação e de descrição e há indicações que nos permitem apercebermo-nos de uma percepção visual mais aguda e de uma lógica mais próxima da dos adultos”.

No sentido de colmatar estas lacunas, segundo o mesmo autor, cabe desta forma ao professor de Educação Visual criar estratégias, na tentativa de contrariar esta atitude derrotista. Uma vez que se verifica nestas idades uma falta de confiança na própria capacidade, o que faz com que por vezes não terminem o trabalho que estão a desenvolver, é necessário valorizar os projectos e estimular a sensibilidade, e até por vezes mostrar trabalhos concluídos, para os convencer a concluir o trabalho e incentiva-los à exploração de potencialidades como forma de motivação. Nas aulas de Educação Visual os conteúdos são vários e os processos técnicos também, existe neste sentido segundo Wooff (1982), uma oposição entre a intensidade dos sentimentos e a crescente percepção visual, por um lado e a capacidade de utilização de materiais, métodos e técnicas por outro.

Segundo Areal, (2002:4), as finalidades educativas da disciplina de Educação Visual são:

- Desenvolver nos alunos, a percepção visual através da criação e implementação de hábitos de observação, análise e síntese;
- Desenvolver e amadurecer as capacidades expressivas, comunicativas e interpretativas que se realizem através das linguagens da figuração;
- Favorecer a acção didáctica coordenada pelo Conselho de Turma para uma formação cultural global baseada na consciência dos valores ambientais e dos valores artísticos.

A mesma autora diz ser importante recorrer à experiência e ao jogo como forma de incentivo para a disciplina, destacando-se a actividade expressiva como uma metodologia essencial na relação do aluno com o seu meio envolvente. Sendo necessário desenvolver acções educativas que sejam estruturadas de acordo com modelos pedagógicos abertos e flexíveis, integrando três dimensões essenciais: sentir, agir e conhecer. Nesse sentido a metodologia proposta pela autora, assenta em cinco pontos fundamentais, são eles:

- Experiências que partindo da realidade visual do aluno, cheguem gradualmente a dimensões cada vez mais amplas no espaço (próximo e distante) e no tempo (real e histórico);

- Experimentação de muitas técnicas, para permitir que o aluno escolha os meios expressivos mais apropriados à sua personalidade;

- Formulações de critérios de trabalho determinados, para guiar uma progressiva evolução das formas de expressão e das capacidades críticas de cada aluno, de maneira que sejam ultrapassadas todas as casualidades nos resultados;

- Alternância de experiências de expressão-criação com outras de fruição-crítica e de reflexão-interpretação;

- Verificação constante dos níveis de aprendizagem e de maturação criativa e crítica atingidos (cada proposta didáctica deverá ser configurada com esses objectivos).

3.5- O papel do professor

“O trabalho do professor não consiste simplesmente em transmitir informações ou conhecimentos, mas em apresentá-los sob a forma de problemas a resolver, contextualizando-os e perspectivando-os (...). A relação pedagógica visa o pleno desenvolvimento da personalidade do aluno no respeito pela sua autonomia e deste ponto de vista, a autoridade de que os professores estão

revestidos tem sempre um carácter paradoxal, uma vez que não se baseia numa afirmação de poder mas no livre reconhecimento da legitimidade do saber”.

Delors, (1996:135)

Segundo Augusto Cury, (2004:59) o papel do professor é, “(...)contribuir para desenvolver nos seus alunos, a capacidade de gerir os pensamentos, administrar as emoções, ser líder de si mesmo, trabalhar perdas e frustrações, superar conflitos”.

O professor é um mediador no processo de ensino-aprendizagem. O interesse do processo ensino-aprendizagem é o de criar uma ponte entre o aluno e o que ele vai aprender, para que assimile a experiência da humanidade, e reconstrua a criatividade à luz de sua própria vivência, que ainda é imperfeita, transitória, passageira.

Segundo Lemos, (2005), se o professor criar uma dinâmica, entusiasmando os alunos a colaborarem num contexto de expectativas e satisfação, face à matéria a ser abordada, o comportamento dos alunos irá ser motivador. Compete ao professor, programar, orientar, organizar, proporcionar recursos, e animar as diferentes actividades prosseguidas pelos alunos; não é um mero instrutor, nem um simples avaliador. A sua função é ajudar o aluno a relacionar os conhecimentos novos com os anteriores, deixando que este controle todo o processo.

Segundo Sousa Alberto, (2003:219) “(...) cabe ao professor despertar e motivar os impulsos criadores, fazendo-os convergir, incentivando-os e encaminhando-os, de modo não directivo, sem se fazer notar, para caminhos produtivos”.

Um dos trabalhos mais importantes a ser desenvolvido pelo professor junto dos seus alunos, é portanto, motiva-los, não apenas incentivando-os com elogios ao desempenho, mas procurando despertar-lhes curiosidades, para que o processo ensino/aprendizagem seja motivador em si mesmo. Sternberg e Williams (1996), ensinar os alunos a serem criativos é, em parte, ensiná-los a assumir responsabilidade quer para o sucesso, quer para o insucesso. Encorajar o desempenho criativo de grupos de alunos, por parte do professor é

essencial, uma vez que viver implica trabalhar com outros e vale a pena fazer com que o processo de colaboração seja mais criativo. Assim o prazer vem da própria aprendizagem, do sentimento de competência pessoal, da segurança de ser hábil para resolver problemas.

Segundo Alexandra Arce, citado em Canteras (2009: 50), diz que o professor:

“É mediador entre as crianças e o conhecimento, intervindo apenas quando solicitado ou necessário.” Ele garante a possibilidade de os alunos, em interacção com os outros alunos ou sozinhos, ampliarem suas capacidades de aprendizagem de conceitos, códigos sociais, diferentes linguagens, experimentação, reflexão, elaboração de perguntas e respostas. Desta maneira, embora o professor seja caracterizado como parceiro mais experiente entre as crianças e desta forma obviamente maior possuidor de saber acumulado, “(...) torna-se um organizador das actividades em sala, a partir das experiencias e conhecimentos das crianças.”.

Cabe então ao professor, facilitar a inserção do aluno na sociedade, explicar quais as razões do trabalho e quais as suas finalidades, dando desta forma o real valor do trabalho e proporcionar uma construção sólida do ser global. É necessário que o professor faça passar para o aluno e que este perceba a relação entre o que está a aprender e o seu contexto social, para o aluno é preciso que ele reconheça as situações onde aplicará, as novas aprendizagens, no sentido de as valorizar.

A motivação para aprender, nada mais é, do que o reconhecimento, por parte do aluno, de que conhecer algo irá satisfazer as suas necessidades actuais ou futuras.

Cabe desta forma ao professor o abrir de janelas, que permita aos alunos puderem escolher, em função das suas necessidades, alargando-lhes os horizontes, com o objectivo de os tornar mais sensíveis á arte e aos acontecimentos que o rodeiam e sobretudo torna-los autónomos, sem medo de criar.

O aluno avança no conhecimento com a mediação do professor através da planificação e organização dos recursos (tempo, materiais, conhecimento das suas capacidades), a acção (actividades que conduzem à descoberta) e o controlo, que permite reflectir e observar a

própria prática. O processo didáctico fundamenta-se na aprendizagem significativa e numa metodologia inspirada na investigação-acção.

Verificamos cada vez mais hoje em dia que, os nossos alunos pretendem que os conhecimentos adquiridos nas escolas venham a ser úteis na realidade que os cerca, desta forma é imprescindível ter a teoria ligada à prática.

Mais do que nunca é necessário que os professores se inclinem sobre os problemas dos alunos, que investiguem, e que saibam levar o ensino aprendizagem a essas crianças de forma a ajuda-las a *aprender fazendo*.

O professor de hoje, tem que ver a avaliação, como um meio de incentivo e uma ferramenta que lhe permita avaliar o patamar dos seus alunos e os orientar de maneira que a sua aprendizagem supere as dificuldades diagnosticadas, precisamos de um professor flexível, investigador e agente de mudança.

É necessário que o professor se refira à actividade a desenvolver, mostrando os objectivos e os resultados, fazendo sempre valorizar o projecto e orientando sempre para os objectivos propostos.

A confiança na capacidade de conseguir um determinado resultado, tem a ver com o sentimento de competência, que leva os alunos a envolvem-se mais nas actividades em que prevêem bons resultados e envolvem-se menos nas actividades em que prevêem fracos resultados.

Segundo Lemos M.(2005), é importante que o professor saiba que os alunos podem ter percepções de competência diferentes, conforme as áreas de trabalho e que essas diferenças podem resultar em diferenças no comportamento motivado. Compete aos professores fazerem ver aos alunos que as dificuldades sentidas numa matéria, não implicam necessariamente dificuldades noutras.

Se uma actividade é pouco importante, uma baixa competência não irá afectar a auto - estima do aluno, e se uma actividade é importante, uma competência percebida elevada aumenta a auto – estima. Estas percepções influenciam o envolvimento comportamental e

cognitivo e o nível de realização, tal como se refere Skinner, Wellborn & Connell,(1990), é fundamental fornecer aos alunos “feedback”, positivo sobre o seu trabalho, informando-os sempre que possível sobre o nível atingido e sobre as estratégias utilizadas, bem como sugestões de alternativas mais eficazes.

Os professores por vezes evitam fazer avaliações precisas do desempenho do aluno, com receio de ferir a sua auto-estima, contudo é importante ajudar os alunos a manter percepções e expectativas optimistas, ou melhor, é ensinar os alunos a lidar eficazmente com o insucesso, aprendendo a usar a informação do professor em relação aos erros e de como melhorar.

Segundo Lemos, M.(2005), a capacidade por parte do professor para preparar e organizar um conjunto de actividades e tarefas diversificadas, permitirá a execução de cursos de acção, necessários para atingir um determinado nível de desempenho por parte dos alunos, mantendo-os mais motivados.

Os alunos já possuem uma curiosidade inata pela experimentação, se o professor de Educação Visual, fomentar a essa motivação intrínseca já existente, o “bichinho” da curiosidade, devidamente orientada, utilizando materiais diversificados e orientações específicas, o desempenho do aluno na disciplina irá ser elevado, se adicionarmos a essa motivação, uma compensação e reforço pelo desempenho efectuado na realização dos objectivos propostos, o resultado será um processo no qual o facto de ensinar vai ser extremamente estimulante para as partes envolvidas no processo.

É de extrema importância ao professor poder transmitir aos alunos uma vasta panóplia de técnicas e materiais, para a produção de arte, para que estes possam experimentar com prazer, aplicando todos os conhecimentos adquiridos de uma forma criativa, exprimindo assim, conhecimentos, sentimentos e críticas, no sentido de formar alunos cada vez mais completos.

A metodologia utilizada no capítulo seguinte, visa responder às necessidades demonstradas pelos alunos, tendo como ponto de partida as hipóteses estabelecidas na definição do problema.

CAPÍTULO 4

Metodologia Utilizada

4.1– Questionário

Segundo Sousa, M. (2005), a palavra questionário designa uma série de questões ou perguntas sobre um dado assunto, deriva do latim: *quaestionarium*. Um questionário pergunta e questiona, sendo uma técnica de investigação em que se interroga por escrito uma série de sujeitos, tendo como objectivos conhecer as suas atitudes, opiniões, sentimentos, expectativas pessoais, interesses, entre outros. Aplicar um questionário é inquirir um determinado número de sujeitos, tendo em vista uma generalização, ou melhor, o originar de um conjunto de respostas individuais, interpretá-las e generalizá-las. Os dados pessoais obtidos só interessam para o estudo em questão.

Optou-se por três questionários de tipo exploratório, dois questionários de resposta mista para melhor compreender o grau de motivação dos alunos para a disciplina, o seu preenchimento realizou-se nas aulas de Educação Visual. Sendo o primeiro questionário (anexo E) apresentado antes de iniciar o meu estudo, para melhor conhecer o perfil dos alunos, o segundo questionário (anexo F) para saber quais os materiais que estes já utilizaram e quais os materiais que gostariam de experimentar, no contexto da disciplina de Educação Visual. O terceiro questionário (anexo G), foi efectuado no final do estudo, para perceber se os objectivos propostos foram ou não alcançados, as perguntas foram de resposta fechada.

A linguagem utilizada foi reflectida e elaborada de forma a levantar o menor número de dúvidas possível. Os dados pessoais que procurei obter, interessou para poder estabelecer relações entre os inquiridos e os dados indicados.

Preocupei-me em garantir o anonimato. Os resultados obtidos sofreram tratamento e interpretação.

4.1.1 – Metodologia específica utilizada

O presente estudo pretende analisar se a utilização de materiais e técnicas diversificadas motivam mais os alunos para a disciplina de Educação Visual. Os objectivos apontados no capítulo I, proporcionaram a realização da planificação dos projectos praticados (ver tabela 2).

Os dois primeiros questionários foram distribuídos e recolhidos durante o mês de Fevereiro. O terceiro foi realizado no dia 19 de Abril (data estipulada pela universidade para terminar o estagio).

Assim, a elaboração do projecto, foi iniciado com a realização de um questionário (nº1), com os seguintes objectivos:

- Recolha de dados para melhor conhecer o perfil dos alunos, envolvidos no estudo.
- Obter maior e melhor conhecimento das necessidades dos alunos.
- Compreender o quotidiano dos alunos.

O segundo questionário (nº2) foi entregue aos alunos na aula seguinte, depois de ter já analisado o primeiro questionário, efectuei este com os seguintes objectivos:

- Recolher informações relativas ao conhecimento dos alunos, no que respeita aos materiais, técnicas e suportes.
- Saber quais foram os materiais e suportes mais utilizados pelos alunos.
- Saber quais os materiais e suportes que os alunos gostariam de experimentar.
- Saber a opinião dos alunos, quanto à importância destes materiais na sua aprendizagem.
- Saber se eles consideram importante a diversidade de materiais como incentivo à prática das artes.

O terceiro e último questionário foram entregues aos alunos no final do projecto, com os seguintes objectivos:

- Os alunos tiraram partido das actividades desenvolvidas.
- O projecto desenvolvido motivou os alunos para a disciplina de Educação Visual.

Os resultados analisados no questionário nº1 e nº2 ajudaram no planeamento de estratégias, de forma a alcançar os objectivos pretendidos.

Foram realizados materiais pedagógicos para motivar os alunos nomeadamente, um Power Point sobre *“Movimentos artísticos do Mundo Ocidental – 1ª Metade do século XX”* (anexo B) bem como um outro Power Point designado *“os materiais na obra de arte e a abordagem destes no ensino”* (anexo C), assim como *“Artigo sobre os materiais na arte e a abordagem destes no ensino”* (anexo D.) Todos estes materiais realizados tiveram como objectivo primordial oferecer aprendizagens e conhecimentos específicos, proporcionando aos alunos interesses no sentido de potenciar a motivação dos mesmos para a disciplina em questão. Despertar o gosto pela arte, abrir mais os horizontes.

No desenvolver do projecto houve a necessidade de proporcionar aos alunos um ensino-aprendizagem activo, com os objectivos de:

- Desenvolver, reproduzir e criar trabalhos de expressão plástica, com base nas técnicas e materiais diferenciados, por eles escolhidos.
- Transpor para a comunidade, através de exposições, os trabalhos realizados, como forma de recompensa pelos resultados obtidos.

Tabela 2 – Síntese dos projectos realizados durante o decurso do estudo

	Projecto nº1	Projecto nº2	Projecto nº3
Tema	Desenho de observação.	Reprodução de obras de arte.	Desenvolvimento da criatividade.
Recursos Utilizados	Apresentação e discussão de um Power Point sobre: <i>“Movimentos artísticos do Mundo Ocidental – 1ª Metade do século XX”</i> ” Pesquisa na internet.	Apresentação e discussão de um Power Point sobre: <i>“Os materiais na obra de Arte e a abordagem destes no ensino”</i> .	Livros de Arte e internet.
Técnicas a desenvolver	Carvão.	Pastel de óleo e pastel seco.	Acrílico.
Suportes	Papel cavallinho A4 e A3.	Tela e papel de aguarela.	Tela.
Duração	2 Aulas de 90 minutos.	5 Aulas de 90 minutos.	3 Aulas de 90 minutos.
Palavra-chave	Experimentação e Observação.	Materiais, experimentação, criatividade, conhecimento, arte.	Arte, experimentação, criatividade.

Apesar de estes materiais serem considerados “vulgares” na produção de obras de Arte, como se verificou, o uso dos mesmos na presente escola estava fora de questão. No entanto a curiosidade dos alunos em relação ao uso dos mesmos é enorme, sendo por isso, sobejamente importante proporcionar-lhes essas experiências.

4.2 - Exemplos de trabalhos realizados pelos alunos, em virtude do projecto desenvolvido

4.2.1 – Trabalhos referentes ao projecto nº1, experimentação do material “Carvão”.



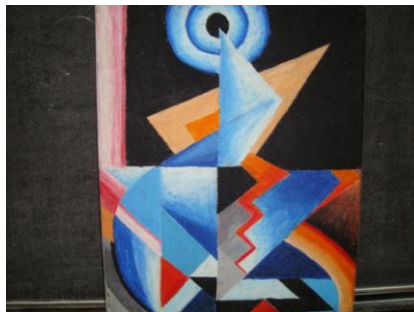
Hugo (2010).

Imagem n.º 1: Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho.

Dimensões: 29,7x42cm.

O carvão é um material de desenho muito adaptável, obtido durante séculos pela combustão controlada e parcial da madeira, é um dos materiais mais antigos da história e um dos mais usados pelas suas óptimas características de riscador. Pode ser clareado se necessário, usando uma borracha (chamada borracha de pão), esfuminho ou até mesmo o dedo.

4.2.2 – Trabalhos referentes ao projecto nº2, experimentação do material “Pastel de óleo” e “pastel seco”.



Diana (2010).

Imagem n.º 2: Técnica: Pastel de óleo sobre tela.

Dimensões: 40x50cm.

A utilização dos pastéis sob a forma de barras e lápis data do século XV. Este material era utilizado por diversos artistas para fazerem estudos e desenhos introdutórios as suas obras de arte. Mas foi apenas no século XVIII que os artistas puderam usar uma paleta completa de cores e puderam explorar devidamente as técnicas do referido material.

4.2.3 – Trabalhos referentes ao projecto nº3, experimentação do material “Acrílico”



Remi (2010).

Imagem n.º 3: Técnica: Acrílico sobre
tela

A tinta acrílica só adquiriu a sua reputação como meio pictórico com os pintores pertencentes ao movimento denominado “Pop Art”, pois era um material que se adaptava bem às fantasias desses artistas, podendo-se corrigir facilmente os erros (cobrindo-os com uma camada de tinta branca, ou de estuque acrílico). Conserva o seu colorido sem amarelecer com o tempo, como acontece com o óleo, nem se desvanece, como no caso da aguarela. Pode-se pintar sobre qualquer superfície não gordurosa. Devido á sua plasticidade, flexibilidade, as pinturas realizadas a acrílico podem enrolar-se facilmente, sem receio de estalar.

4.3 - Problema

Verificar até que ponto o recurso aos materiais diversificados motiva os alunos para a disciplina de Educação Visual?

4.4– Amostra

A amostra deve ser representativa, isto é, deve ser significativa relativamente à população que se investiga. Deste modo assegura-se que o grupo ou grupos de pessoas que respondem ao questionário, por inquérito, seja representativo.

A população deste estudo é constituída por 32 alunos, com idades compreendidas entre os 14 e 16 anos, alunos da escola EB2/3 de Mota. As razões desta escolha passam por factores inerentes à motivação destes alunos para a disciplina de Educação Visual tendo como ponto de partida as técnicas e materiais diversificados.

A taxa de respostas foi de 100%, pelo que, dadas as condicionantes e resistência que estes tipos de questionário envolvem, foi excelente.

O tratamento estatístico da informação contida nos questionários foi feita tendo por base a utilização do software Microsoft Excel (Microsoft Corporation).

CAPÍTULO 5

Análises e gráficos.

5.1– Análise de Dados

Após a recolha e tratamento dos resultados dos questionários, foi efectuada a sua representação gráfica no sentido de facilitar a sua análise e interpretação. Foi possível chegar a algumas interpretações e conclusões referentes aos objectivos que se pretendiam avaliar.

5.2 – Análise questionário nº1

Este primeiro questionário destina-se à recolha de elementos sobre o perfil dos alunos (com representação numérica nos gráficos que se seguem) com o objectivo de melhor conhecer os aprendizes em questão.

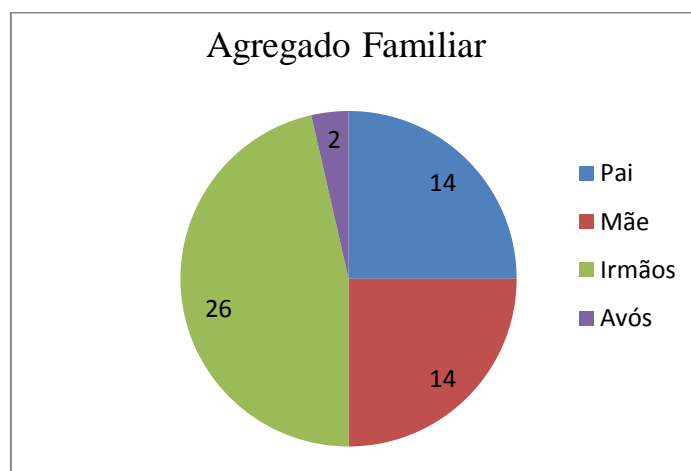


Figura 1 – Composição do agregado familiar dos alunos envolvidos no estudo.

Este primeiro gráfico mostra-nos que a maioria dos alunos habita com os pais e irmãos, sendo que dois moram também com os avós.

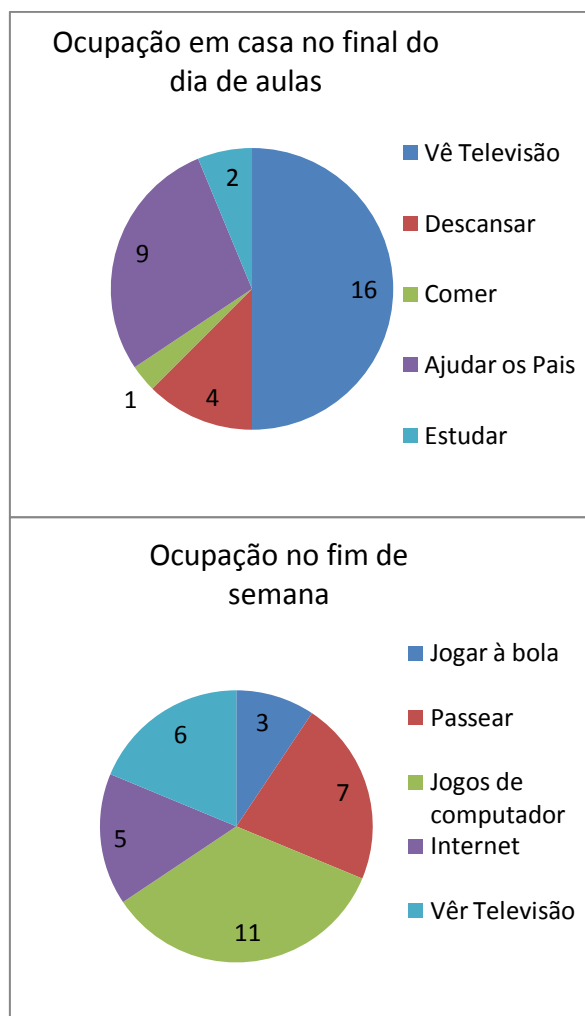


Figura 2 – Ocupação dos alunos no final do dia de aulas e no fim de semana.

Como podemos constatar com a análise do gráfico acima, a maioria dos alunos (16) quando chegam a casa depois das aulas, vão ver televisão, mas verifica-se ainda que uma grande parte dos alunos (9) ajuda os pais nos trabalhos agrícolas.

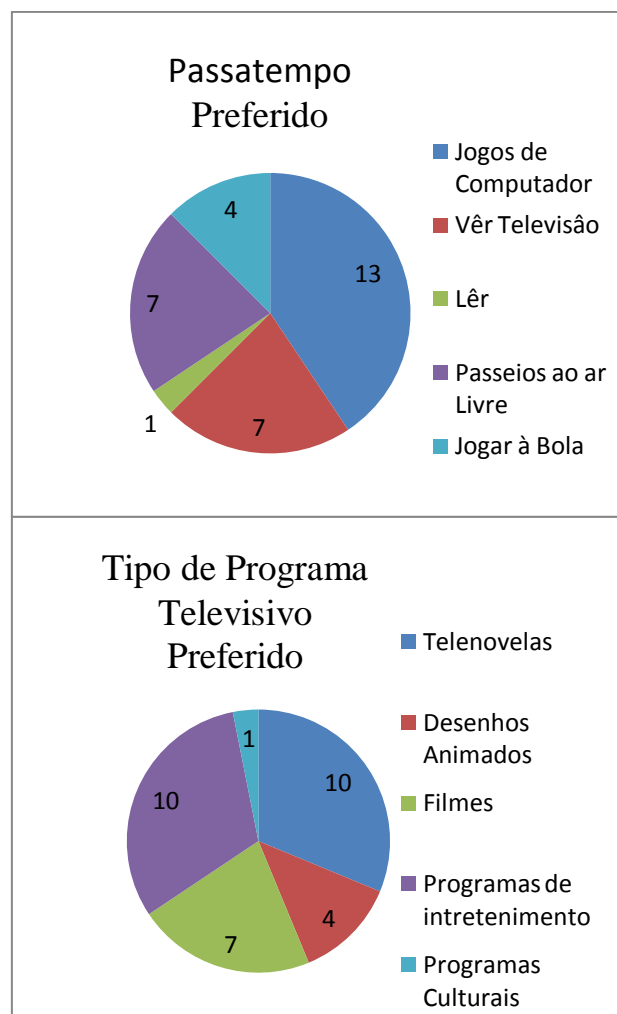


Figura 3 – Passatempos e programas televisivos preferidos pelos alunos.

Os jogos de computador e passear estão entre as ocupações mais frequentes pelos alunos ao fim de semana. No gráfico 3.14, podemos verificar que num universo de 32 alunos, 13 gostam de jogar no computador e que só um realça a leitura como sendo o seu passatempo preferido. As telenovelas e os programas de entretenimento são os programas televisivos preferidos pela maioria dos alunos.

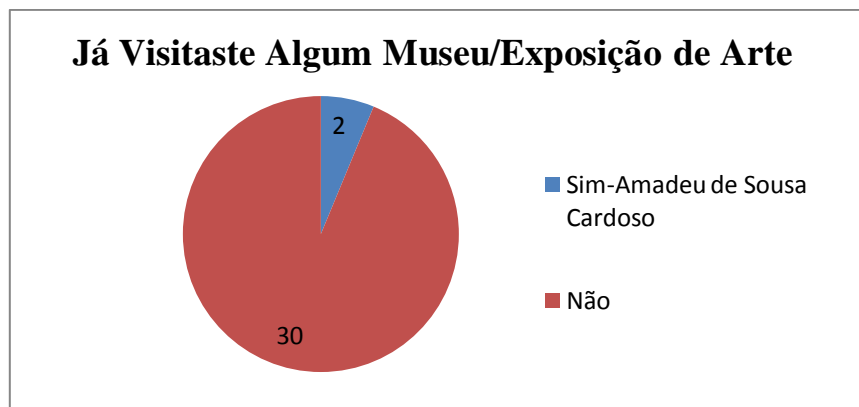


Figura 4 – Visitas a museus e exposições de arte pelos alunos.

Neste gráfico, constatamos que de facto os alunos participantes, mostram carência no que se refere a museus ou a exposições de arte, pois só 2 alunos visitaram o Museu Amadeu de Sousa Cardoso, sendo que este museu fica relativamente perto da escola onde foi realizado o estudo (cerca de 19km).

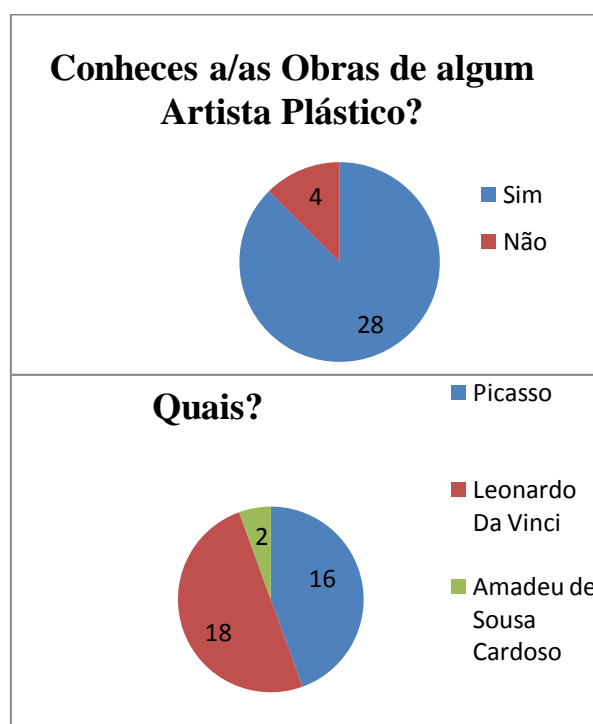


Figura 5 – Conhecimento de obras de artistas plásticos.

Verifica-se que grande parte dos alunos (28 alunos no universo de 32 inquiridos) diz conhecer a obra de alguns artistas plásticos, referenciando artistas como Picasso e

Leonardo Vinci (que são do conhecimento geral, uma vez que são artistas abordados com alguma regularidade pela comunicação social e manuais escolares), como podemos detectar com o resultado do gráfico 3.16.

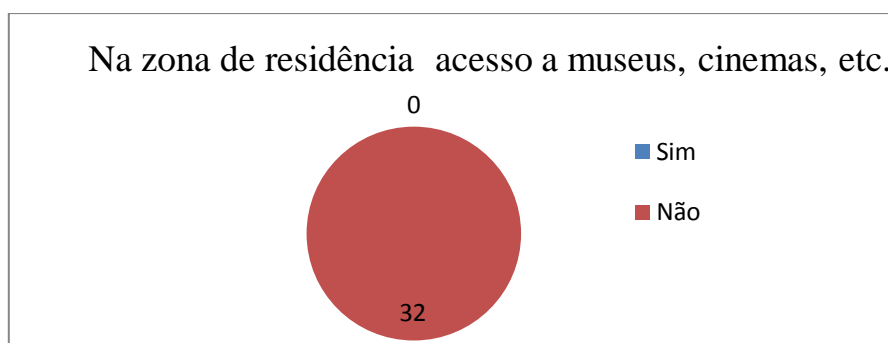


Figura 6 – Acesso a museus e a cinemas na área de residência.

Como se pode observar a partir da análise do gráfico da figura 3.16, não existem meios de promoção de cultura no meio.

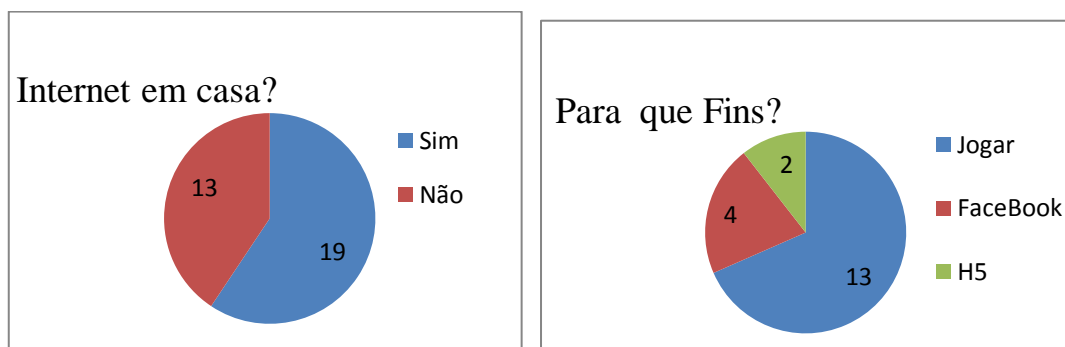


Figura 7 – Acesso à internet e aplicações mais utilizadas pelos alunos.

Como podemos observar no gráfico 3.7, 19 alunos têm acesso a internet em casa, a que corresponde uma percentagem de 59%. De uma forma geral, a maioria dos alunos, como podemos constatar no gráfico acima apresentado, utiliza a internet para jogar.

5.2.1 - Conclusões intermédias

No que respeita à análise dos resultados obtidos, no questionário nº1 podemos averiguar as carências existentes no que se refere ao conhecimento do mundo da arte, verifica-se ainda que os alunos utilizam o computador essencialmente para jogar.

5.3 – Análise do questionário N°2

Os seguintes gráficos são o resultado da análise do questionário nº2. O universo total de alunos foi de 32.

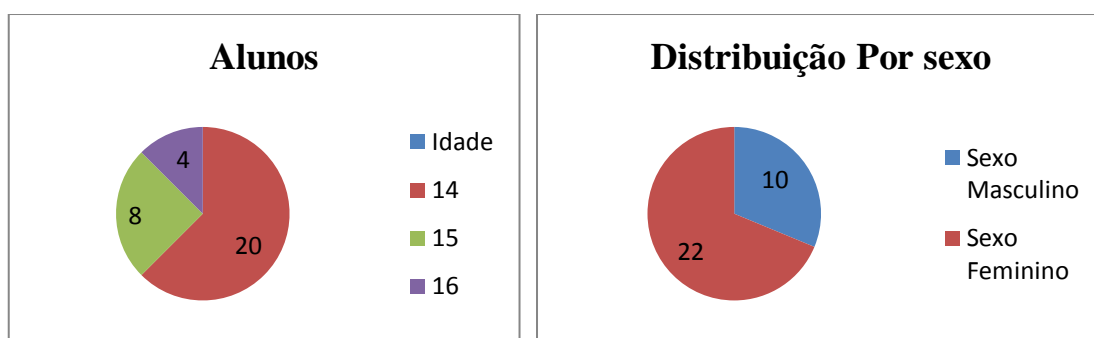


Figura 8 - Idade e distribuição por sexo dos alunos envolvidos no estudo.

Como se pode verificar na figura acima, a maioria dos alunos têm catorze anos de idade. Num universo de 32 alunos, 22 são do sexo feminino, como mostra o gráfico.

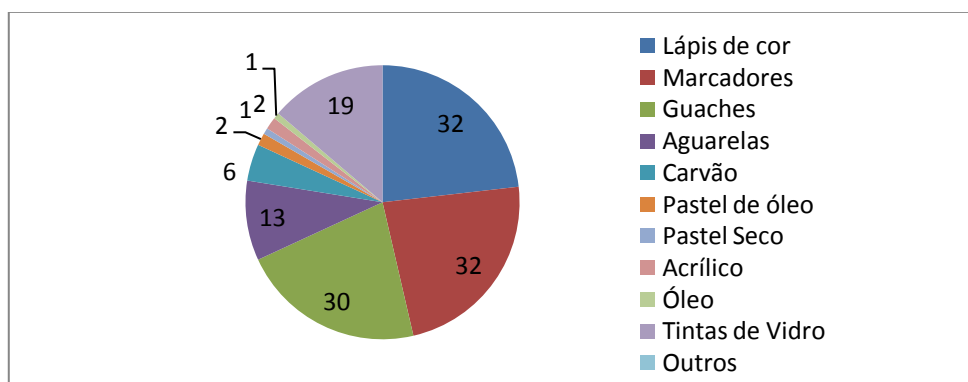


Figura 9 - Materiais usados por rotina ou já utilizados pelos alunos envolvidos no estudo.

Pode-se constatar pela análise/visualização do gráfico, que os materiais mais utilizados pelos alunos são ao lápis de cor e os marcadores. Sendo que os materiais menos utilizados são o pastel de óleo e o pastel seco.

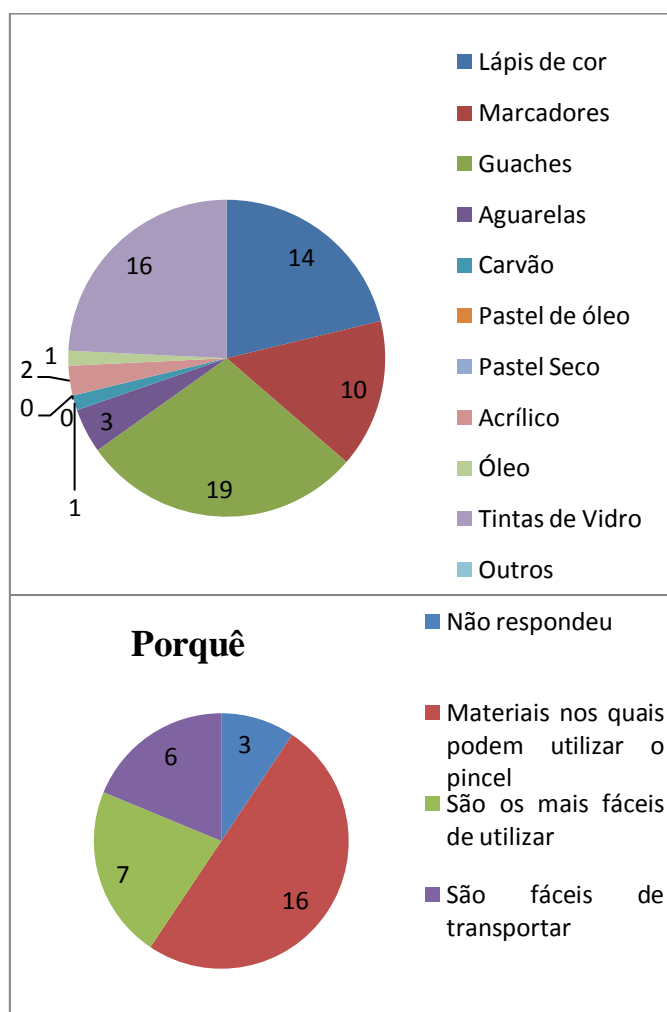


Figura 10 – Materiais que os alunos mais gostaram de trabalhar, em relação aos materiais já utilizados e razões apontadas para essa escolha.

Como mostra o gráfico, grande percentagem dos alunos (correspondente a 59%) gostaram de trabalhar com o guache uma vez que era nesse material que utilizavam o pincel.



Figura 11 – Dificuldades sentidas pelos alunos em trabalhar esses materiais.

Podemos constatar pelo gráfico acima, que embora os alunos mostrem um grande interesse pelos materiais em que tenham que utilizar o pincel, ainda demonstram dificuldades em trabalhar esses materiais.

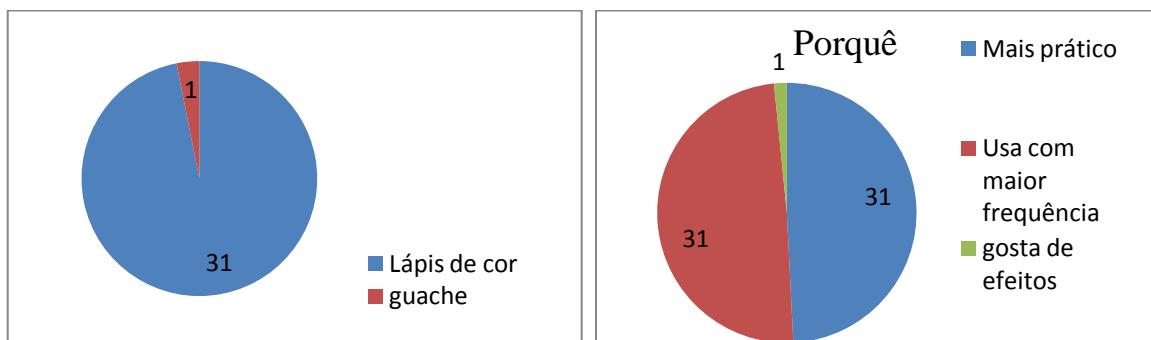


Figura 12 – Material mais utilizado pelos alunos e razões apontadas para a utilização com maior frequência desse material.

Pode-se averiguar que o material mais utilizado pelos alunos na escola é os lápis de cor.

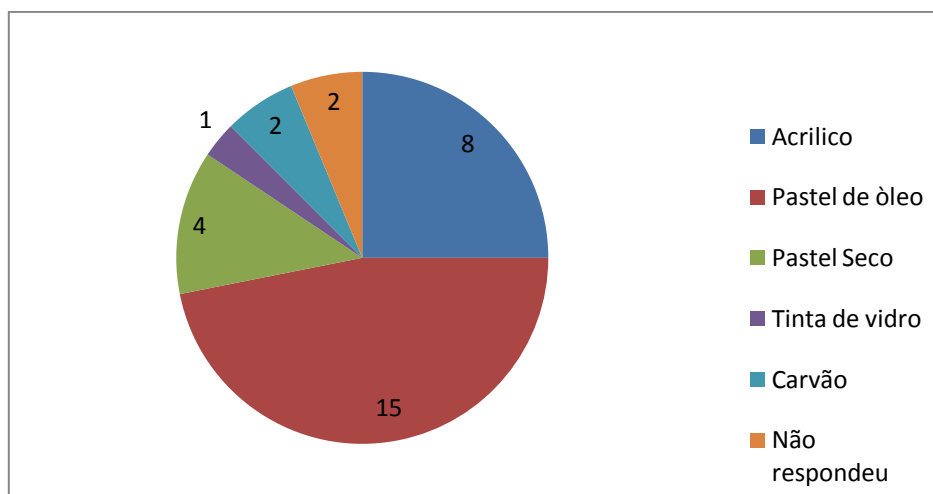


Figura 13 – Materiais que os alunos mostraram vontade de experimentar.

Como se pode verificar na Figura 3.6, grande percentagem dos alunos gostariam de experimentar diversos materiais, dando maior ênfase ao pastel de óleo 4,8% e ao acrílico 2.5% dos alunos.

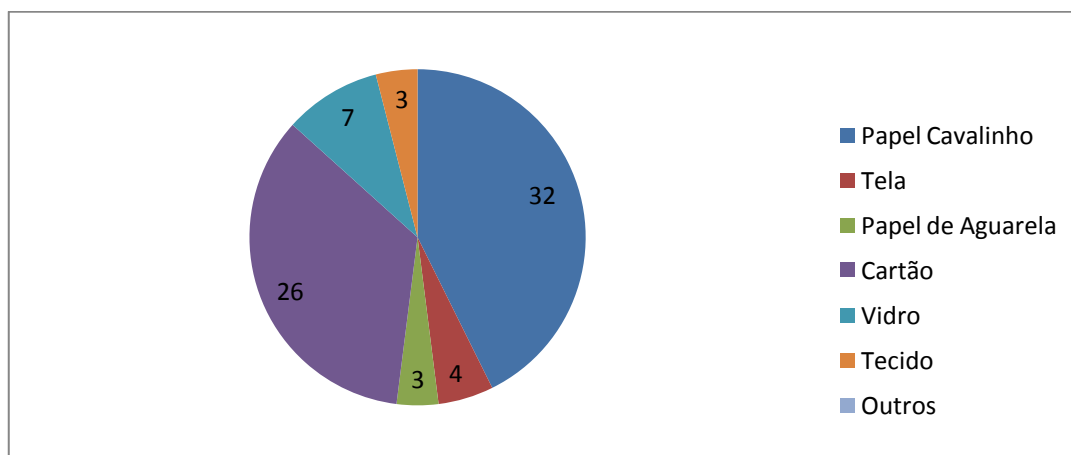


Figura 14 – Materiais de suporte conhecidos pelos alunos envolvidos no estudo.

No gráfico acima, podemos ter a noção de que de facto existe uma carência por parte dos alunos no que se refere ao conhecimento dos suportes, sendo que só três trabalharam em tecido e em papel de aguarela e quatro trabalharam em tela.

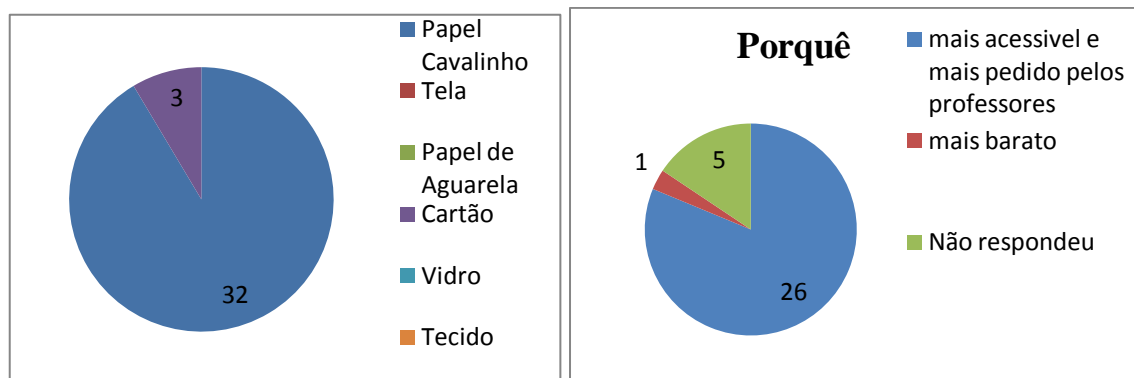


Figura 15 – Materiais de suporte mais utilizado pelos alunos envolvidos no estudo e razões apontadas para justificar a utilização desse material.

Como podemos constatar no gráfico 3.8, o suporte mais utilizado pelos alunos na disciplina de Educação Visual, é o papel cavalinho. Ao analisar a mesma figura, podemos concluir que o papel de cavalinho é o material de suporte mais utilizado por ser o material mais barato e o mais pedido pelos professores da disciplina.

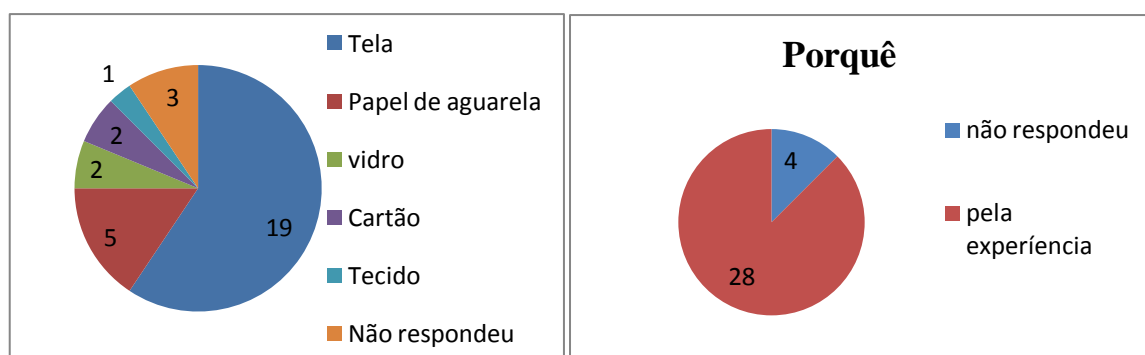


Figura 16 – Material de suporte que os alunos manifestaram vontade de experimentar.

Como podemos verificar no gráfico acima, há uma grande variedade de suportes nos quais os alunos gostariam de trabalhar, dando maior ênfase aos 19 alunos que gostariam de experimentar como suporte a tela. Como resultado neste gráfico, podemos concluir que uma grande percentagem dos alunos, mostram interesse na experimentação.

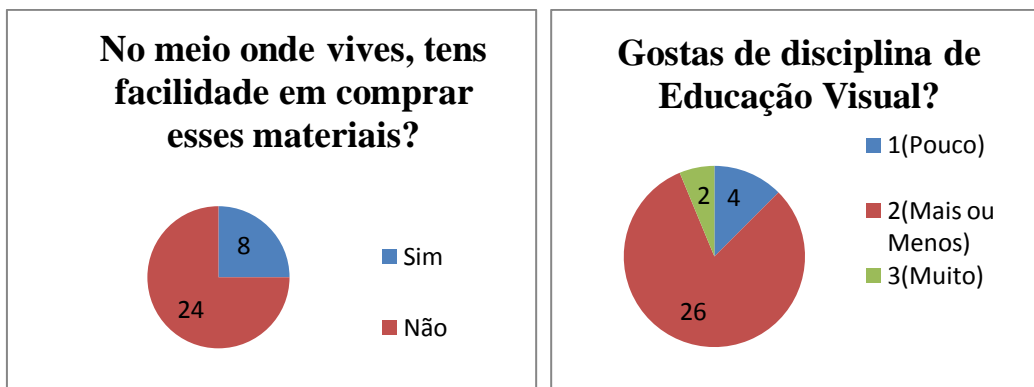


Figura 17 – Análise do meio envolvente em relação à disponibilidade de aquisição dos materiais e interesse manifestado pela disciplina de Educação Visual.

Podemos averiguar pelo resultado do gráfico, que os alunos não têm grandes oportunidades no meio onde vivem de comprar materiais diversificados. Adicionalmente podemos concluir que existe um desinteresse grande por parte dos alunos uma vez que só dois alunos gostam muito da disciplina de Educação Visual.

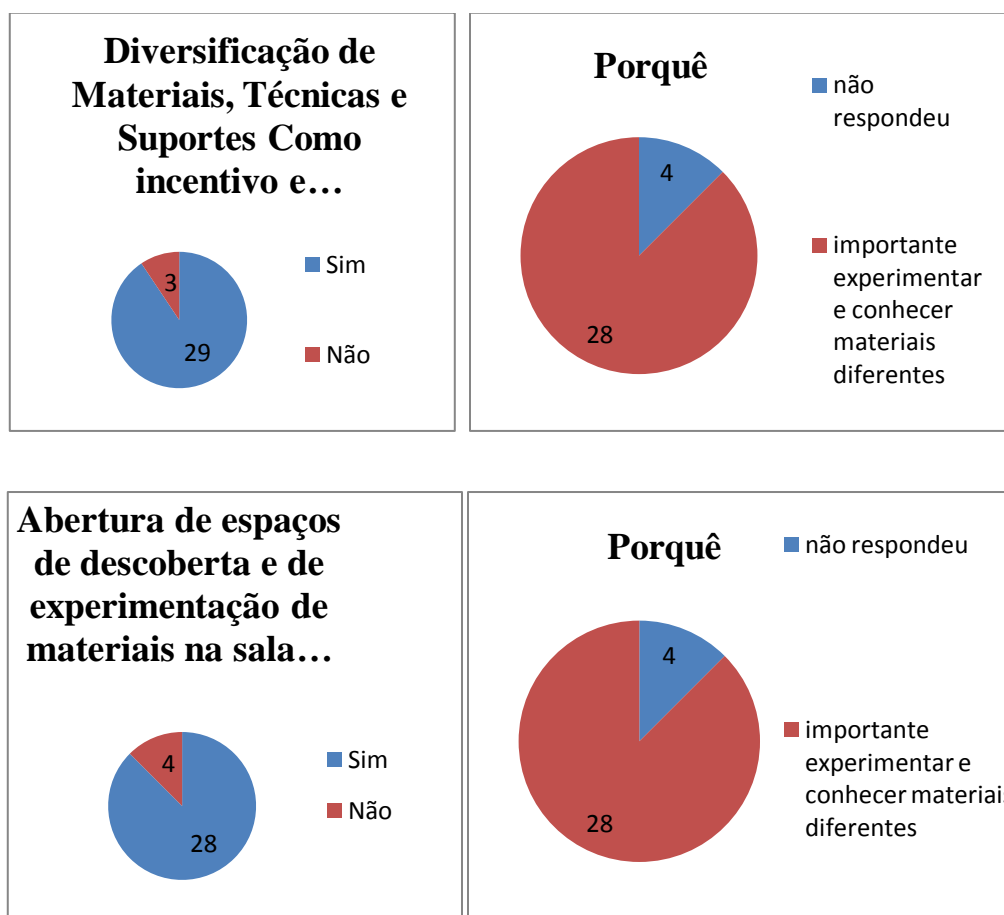


Figura 18 – Análise da motivação dos alunos para experimentarem materiais novos, dentro da sala de aula de Educação Visual.

Grande percentagem dos alunos (90%) considera que deveria ser dada maior importância à diversidade dos materiais utilizados na disciplina de Educação Visual, sendo que vinte e oito alunos responderam, como se observa no gráfico da figura 18, ser importante experimentar e conhecer novos materiais e ser importante a experimentação de materiais diversificados, como forma de proporcionar um ensino-aprendizagem mais prático. Uma vez que consideram importante a experimentação de novos materiais, proporcionando desta forma aulas mais práticas.

5.3.1 - Conclusões intermédias

Concluindo, e pela análise dos resultados obtidos no questionário nº2, houve a necessidade de tentar mudar a forma de os alunos verem a disciplina de Educação Visual, no sentido de os cativar e fazê-los mudar de opinião em relação a mesma. Como forma de os envolver mais activamente nas tarefas propostas, assim como obter um melhor resultado no trabalho sugerido, desenvolveram-se formas de proporcionar novas experiências com o objectivo da realização de novas aprendizagens a assimilar pelos alunos.

A motivação para o ensino das Artes Visuais, foi direccionada em função dos resultados obtidos no questionário nº2, para a utilização de técnicas e materiais, sendo estes:

Pastel de óleo, Pastel Seco, Carvão e Acrílico, sobre suportes diversificados como a tela e papel de aguarela.

5.4 – Análise questionário nº3

Este questionário foi realizado no final do estudo, para verificar se os objectivos propostos foram ou não alcançados, tendo sido realizado no dia 19 de Abril do corrente ano lectivo.

Tabela 4.1 - Questões e número de respostas obtidas no inquérito nº3

Pergunta	Sim	Não	Talvez
Achas que os materiais utilizados contribuíram para a tua formação pessoal?	30 (94%)	0 (0%)	2 (6%)
Gostastes de experimentar esses materiais?	30 (94%)	2 (6%)	0
Ficaste curioso em experimentar outros materiais?	27 (84%)	2 (6%)	3 (10%)
Gostarias que as aulas continuassem assim (mais experimentais)?	30 (94%)	0	2 (6%)
E agora, já te sentes ou não, mais motivado para a disciplina de Educação Visual?	28 (88%)	2 (6%)	2 (6%)
TOTAL	100%	100%	100%

5.4.1 - Conclusões Intermédias

Podemos concluir pela análise na tabela acima, que 30 alunos que equivale a 96% consideraram a utilização dos diversos materiais, fundamentais para a sua formação pessoal. A mesma percentagem de alunos gostaram de experimentar os materiais diversificados e mostraram interesse em que as aulas continuassem mais activas/experimentais. Podemos completar pela análise do gráfico que, a curiosidade e entusiasmo em experimentar outros materiais, foi conseguida uma vez que 28 alunos sentem maior motivação pela disciplina de Educação Visual. Posto isso podemos concluir a hipótese nº1 “ A diversidade de materiais e técnicas motivam os alunos para a disciplina de Educação Visual”, como verdadeira.

CAPÍTULO 6

Conclusões e comentários.

6.1 - Conclusões Finais

A experiência na aprendizagem deve implementar dinâmicas pedagógicas de acordo com a realidade da comunidade escolar, que segundo Lemos (2005), é a força que direcciona o comportamento, melhorando por consequência a aprendizagem, o desempenho a confiança e a satisfação no próprio trabalho, motivando desta forma os alunos.

Compete ao professor facilitar o acesso aos mais diversificados materiais, com o objectivo de proporcionar uma experiência educativa muito mais efectiva, que por sequência irá resultar em novos conhecimentos enriquecedores para os alunos.

Constata-se pela análise do questionário nº1, que a maioria dos alunos em estudo vive num ambiente económico desfavorecido. Consequentemente, as principais necessidades a serem saciadas, são as que estão ligadas aos bens essenciais, sendo que a compra de materiais para a disciplina de Educação Visual é considerado um gasto desnecessário.

O projecto desenvolvido teve como base um ensino-aprendizagem mais activos facultando aos alunos aulas mais dinâmicas e diversificadas. Todos os trabalhos desenvolvidos em virtude do estudo, tiveram resultados excelentes, como podemos observar nas imagens expostas neste relatório, bem como nas exposições efectuadas. Estas foram realizadas na escola, para que toda a comunidade escolar apreciasse todos os trabalhos realizados, e fora da comunidade escolar nomeadamente em Celorico de Basto na “Feira do Livro”. Existiu a preocupação de proporcionar aos alunos, o contacto com outras realidades e contextos diferentes.

O professor tem aqui um papel fundamental na forma de criar um ambiente harmonioso de trabalho, onde a relação de união prevalece entre todos, cruzando uma verdadeira rede entre trabalhos, no mútuo processo de aprendizagem.

Conclui-se que de facto, o processo de motivação para a disciplina, através da abordagem de técnicas e materiais diversificados foi um sucesso, como mostra a tabela referente ao questionário N°3.

É de salientar a participação activa do Director da escola disponibilizando o espaço e os meios técnicos para a realização da exposição no átrio público da mesma (imagens em anexo), entre os dias 12 e 16 de Abril e na valorização em relação aos trabalhos desenvolvidos. Os mesmos trabalhos, estiveram patentes na “Feira do Livro” que teve lugar na sede do Concelho onde o Agrupamento de Escolas de Mota está inserido, tendo este acontecimento, sido inaugurado pelo Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, pelo edil Dr. Joaquim Mota e Silva assim como por um representante da DREN, tendo a mesma decorrido pelo período compreendido entre 24 a 29 de Maio.

6.2 - Perspectivas de trabalho futuro

Em virtude dos resultados obtidos, sugere-se que o agrupamento disponibilize verbas para a aquisição de materiais diversificados. Podendo proporcionar desta forma aprendizagens enriquecedoras. Uma vez que o conhecimento da técnica é essencial, para que o aluno possa ter um leque variado de elementos e ser capaz de efectuar interpretações com maior prazer, estimulando desta forma o acto criativo assim como facultar a oportunidade aos alunos para poderem visitar museus e exposições tais como outros inventos culturais.

Destaca-se também a importância dos futuros professores a leccionarem neste agrupamento, a preocupação por manter as aulas mais activas, uma vez que as aprendizagens em função dos resultados foram excelentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS e SITOGRAFICAS

Areal, Zita (2002). *Educação Visual, Terceiro Ciclo do Ensino Básico*. (1ª ed.), Areal Editores.

Bandura, A. (1988). *Self-regulation of motivation and action through goal systems*. Cognitive perspectives on emotion and motivation. Pag.38, Academic Publishers.

Berry, L.M (1998). *Psychology at work: An introduction and organizational psychology* (2ªed.). San Francisco: McGraw-Hill.

Bock, Ana Mercês Bahia; Odair Furtado; Maria de Lourdes Trassi Teixeira,(2001). *Psicologias, uma introdução ao estudo de psicologia*. 3ª Tiragem, Editora Saraiva.

Canteras,Gislaine Trazzi, 2009. *Ensino da arte na educação infantil e possíveis conflitos entre teoria e prática*. Universidade Estadual Paulista. São Paulo

Cohen. L;& Minion, L.(1994). *Research methods in education*.4ª Edição, London.

Cury Augusto, (2004). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Porto Editora.

Dewey John (1967). *La Concepción Democrática en Educación, en “Democracia y Educación”*, ED. Losada. BS. AS.

Dewey, Jonh (1980). *Vida e Educação in: Os Pensadores*. São Paulo, Editora Abril.

Fontaine, Anne Marie, (2005). *Motivação em contexto escolar*. Universidade Aberta, Lisboa - Portugal

Lemos M., Veiga Simão A., Sousa C., Marques F., Miranda G., Freire I., Menezes I., Amado J., Almeida L., Morgado L., Rafael M., Lourenço O., Rosário P., Bahia S., Nogueira S.(2005). *“Psicologia da Educação”*, Temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino. Organização de Guilherme Lobato Miranda e Sara Bahia. Relógios D’ Água.

Lowenfeld, Viktor, (1977). *Desenvolvimento da Capacidade Criadora* /Viktor Lowenfeld. W. Lambert Brittain SãoPaulo:Editora Mestre Jou.

Ministério da Educação (2005). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Educação Visual*.

Morgado, L.(2005), “*Jean Piaget, Um Pedagogo?*”, in *Psicologia da Educação, Temas de G. Miranda & S. Bahia (org.) Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino*. Editora RH.

Monteiro, M., Santos, M.R. (2001), “*Psicologia*”. Porto Editora.

Neves, A. (1998). *Motivação para o Trabalho*. Lisboa: Editora RH.

Nuttin, J. (1985). *Motivation, planning and action: A relational theory of behaviour dynamics*. New Jersey: Leuven University Press.

Norman , A. Sprinthall,Richarde C. Sprinthall,(1993). *Psicologia Educacional . Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Editora Mcgraw- Hill.

Pinder, C.C. (1998). *Work Motivation in Organizational Behavior*. Upper Saddle River, N.J.: Prentice-Hall.

Pinto, Amâncio (1990). *Metodologia da Investigação Psicológica*. Porto. Edições Jornal de Psicologia.

Read, Herbert (1982). *A Educação pela Arte*. Colecção: Arte & Comunicação, Edições 70, Lisboa.

Rosa, L (1994). *Cultura empresarial: Motivação e Liderança*. Lisboa. Editorial Presença.

Rocha, M. (2001). *A Arte na Educação: Mudança de rumo ou movimento pendular?* Setúbal: Escola de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.

Stern, Arno, (1974). *Aspectos e Técnicas da Pintura de Crianças* / Arno Stern, Lisboa: Livros Horizonte.

Sternberg Robert J., Williams Wendy M. (2003). *Como Desenvolver a Criatividade do Aluno*. Asa Editores II, S.A.

Sousa, M. (1992). *Mudança na escola. Quatro anos de uma experiência pedagógica*. Porto Editora

Wood,Gail.(2000). “How to study by Gail Wood”. Learning Express, New York.(pag.31á 41),,. Lisboa: Relógio D’Água Editores, Pag.25-43.

webgrafia

Delors, 1996 <http://books.google.pt/books?ei=q6MnTMDKBMbvOcT8sc8C&ct=result&id=zslQAAAAMAAJ&dq> Acedido em 24 de Abril, pelas 21h.

Leituras Compartilhadas (2005), Fascículo Especial. www.leiabrasil.org.br

Santos (2002) <http://www.eselx.ipl.pt/cied/educare1.htm>. Acedido em 23 de Abril pelas 20h.

Schumacher & Mcmillan, (1993). <http://ejite.isu.edu/Volume6/Huss.pdf>. Acedido em 24 de Abril, pelas 22h.

ANEXOS

ANEXO A

Fotografias de trabalhos

Projecto n.º 1 – Experimentação da técnica de Carvão



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Alexandra (2010)



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Andreia (2010)



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Cláudio (2010)

Projecto n.º 1 – Experimentação da técnica de Carvão



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Bruno (2010)



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Davide (2010)



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Jéssica (2010)

Projecto n.º 1 – Experimentação da técnica de Carvão



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Remi (2010)



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Fátima (2010)



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Eugénia (2010)

Projecto n.º 1 – Experimentação da técnica de Carvão



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

António (2010)



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Patrícia (2010)



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Cláudio (2010)

Projecto n.º 1 – Experimentação da técnica de Carvão



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Cátia (2010)



Técnica: Carvão sobre papel Cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Anita (2010)

Imagens dos trabalhos realizados sobre a técnica de pastel de óleo/seco:

Exercícios de observação e reproduções de obras de Arte

Projecto n.º 2 – Experimentação da técnica de Pastel Seco/óleo



Técnica: pastel seco sobre papel cavallinho

Dimensões: 29,7x42cm

Joana (2010)



Técnica: pastel seco sobre papel cavallinho

Dimensões: 29,7x42cm

Ângela (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre papel cavallinho

Dimensões: 29,7x42cm

Joana (2010)

Projecto n.º 2 – Experimentação da técnica de Pastel Seco/óleo



Técnica: pastel seco sobre papel cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Liliana (2010)



Técnica: pastel seco sobre papel cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Bruno Marinho (2010)



Técnica: pastel seco sobre papel cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Eugénia (2010)

Projecto n.º 2 – Experimentação da técnica de Pastel Seco/óleo



Técnica: pastel seco sobre papel cavalinho

Dimensões : 29,7x42cm

Cátia Silva (2010)



Técnica: pastel seco sobre papel cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Joana (2010)



Técnica: pastel seco sobre papel cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

João (2010)

Projecto n.º 2 – Experimentação da técnica de Pastel Seco/óleo



Técnica: pastel de óleo sobre papel cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

António (2010)



Técnica: pastel seco sobre papel cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Ana Magalhães (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre papel cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Helena (2010)

Projecto n.º 2 – Experimentação da técnica de Pastel Seco/óleo



Técnica: pastel de óleo sobre papel cavallinho

Dimensões: 29,7x42cm

Joana (2010)



Técnica: pastel seco sobre papel cavallinho

Dimensões: 29,7x42cm

Ana (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre papel cavallinho

Dimensões: 29,7x42cm

António (2010)

Projecto n.º 2 – Experimentação da técnica de Pastel Seco/óleo



Técnica: pastel seco sobre papel cavalinho

Dimensões: 29,7x42cm

Cláudio (2010)

Projecto n.º 2 – Experimentação da técnica de Pastel Seco/Óleo
Reproduções de obras de Arte



Técnica: pastel de óleo sobre tela Dimensões:
40x50cm

Joana (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre tela Dimensões:
40x50cm

Joana (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre tela

Dimensões: 40x50cm

Cátia (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre tela

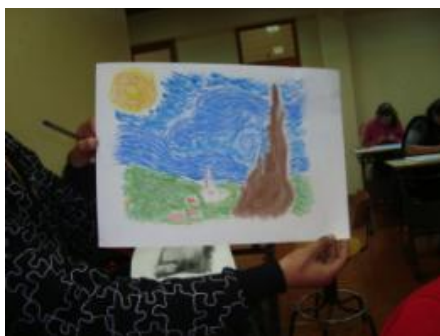
Dimensões: 40x50cm

Cátia (2010)



Técnica: pastel seco sobre papel de
aguarela Dimensões: 32x45cm

Remi (2010)



Técnica: pastel seco sobre papel de
aguarela Dimensões: 32x45cm

Liliana (2010)

Técnica de pintura a pastel seco/óleo



Técnica: pastel de óleo sobre papel de aguarela

Dimensões: 32x45cm

António (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre tela Dimensões:
40x50cm

Margarida (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre tela

Dimensões: 40x50cm

Lídia (2010)

Técnica de pintura pastel seco /óleo



Técnica: pastel de óleo sobre tela

Dimensões: 40x50cm

Lídia (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre tela

Dimensões: 40x50cm

Lídia (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre tela

Dimensões: 40x50cm

Ana (2010)

Técnica de pintura de pastel seco /óleo



Turma do 9ºB.



Técnica: pastel de óleo sobre tela

Dimensões: 40x50cm

Liliana (2010)

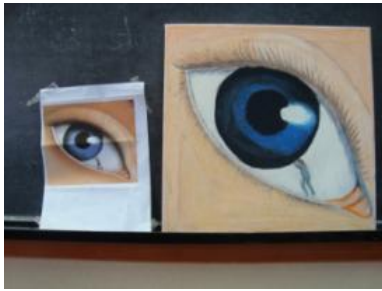


Técnica: pastel de óleo sobre tela Dimensões:

40x50cm

Joana (2010)

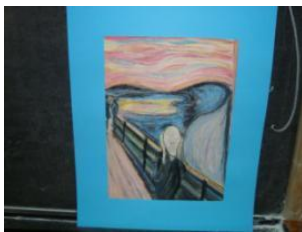
Técnica de pintura a Carvão sobre papel



Técnica: pastel de óleo sobre tela

Dimensões: 40x40cm

Eugénia (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre papel de aguarela

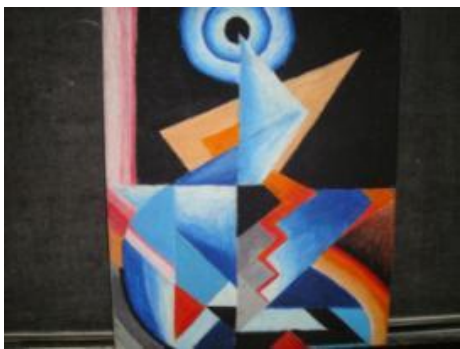
Dimensões: 30x40cm

Ângela (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre tela Dimensões:
40x50cm

Diana (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre tela Dimensões:
40x50cm

Diana (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre tela

Dimensões: 40x50cm

Joana (2010)



Técnica: pastel de óleo sobre tela

Dimensões: 45x55cm

Patrícia (2010)



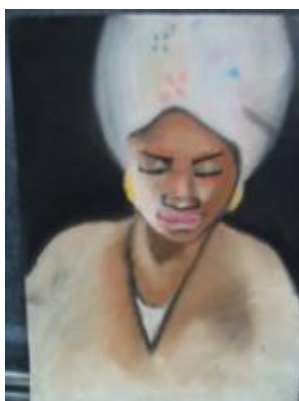
Técnica: pastel de óleo sobre tela Dimensões:
40x50cm

Helena(2010)



Técnica: pastel de óleo sobre tela Dimensões:
40x55cm

Ana Magalhães (2010)



Técnica: pastel seco sobre papel de aguarela

Dimensões: 35x45cm

Barbara (2010)

Imagens dos trabalhos sobre a técnica de acrílico:

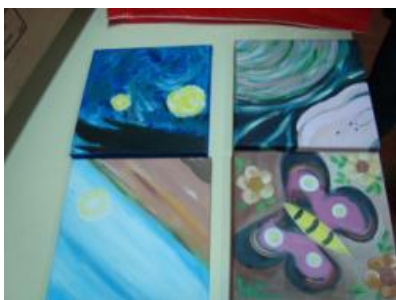
Projecto nº3 - Técnica de pintura Acrílico sobre tela



Técnica: acrílico sobre tela

Dimensões: 20x20cm

Eugenia (2010)



Técnica: acrílico sobre tela

Dimensões: 20x20cm

Trabalhos dos alunos da turma do 9º A



Técnica: acrílico sobre tela

Dimensões: 20x20cm

Eugénia (2010)

Técnica de pintura a acrílico sobre tela



Técnica: acrílico sobre tela

Dimensões: 20x20cm

Diana (2010)



Técnica: acrílico sobre tela

Dimensões: 20x20cm

Lídia (2010)



Interacção da turma do 9ºA

Técnica de pintura a acrílico sobre tela



Aluno a pintar com acrílico sobre tela

Dimensões – 20x20cm

Bruno (2010)



Professora estagiária a dar apoio aos alunos



Professora estagiária a ensinar técnicas de pintura
com acrílico



Aluna a finalizar o trabalho com a técnica de acrílico sobre tela.

Joana (2010)

Dimensões – 20x20cm



Professora estagiária a ensinar a técnica de pintura com acrílico.

Experimentação da técnica de pintura sobre tecido



Aluna a experimentar a técnica de pintura sobre tecido, com tintas próprias para tecido.



Aluna a experimentar a técnica de pintura sobre tecido, com tintas próprias para tecido.



Aluna a experimentar a técnica de pintura sobre tecido, com tintas próprias para tecido.



Aluna a experimentar a técnica de pintura sobre tecido, com tintas próprias para tecido.

Experimentação da técnica de pintura sobre o azulejo vidrado cozido com tintas de vidro.



Os alunos por iniciativa própria, quiseram experimentar a técnica de pintura em azulejo. O painel situa-se junto à reprografia, no espaço de lazer dos alunos.

Dimensões: 1,80X0,75m



Pormenor



Pormenor



Pormenor



Pormenor



Pormenor



Vista geral do espaço onde está inserido o painel.



Vista Geral

Exposição dos trabalhos realizados pelos alunos do 9º Ano

Local: Átrio da Escola E.B 2/3 da Mota



Exposição dos trabalhos realizados pelos alunos do 9º Ano

Local: Feira do Livro em Celorico de Basto.

Por intermédio do Director da Escola da Mota, foi possível a realização desta exposição, que em muito aumentou a motivação por parte dos alunos, no que respeita à disciplina de Educação Visual.



Oradores:

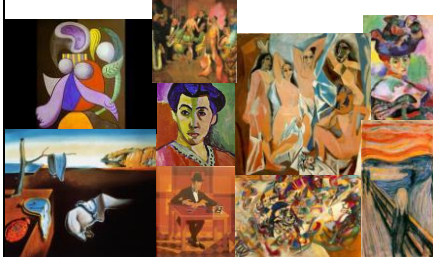
Doutor Professor Marcelo Rebelo de Sousa;

Presidente da Câmara Municipal: Dr. Joaquim Silva.

ANEXO B

- ✓ Power Point “ Movimentos Artísticos do Mundo Ocidental – 1ª Metade do sec. XX ”

MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX



MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

- Transformações técnicas, económicas e sociais dos finais do século XIX, inícios do século XX.
- Instabilidade.
- Transformações sociais e morais da I GG.

↓
Novas formas de expressão artística que reflectiam o **desespero e pessimismo** da sociedade da época.

MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

Desejo permanente de inovação

Recusam-se as regras e convenções tradicionais como, por exemplo a noção de **perspectiva** e o **naturalismo** que imitava fielmente a natureza.

Desvaloriza-se a “escola” e valores burgueses.

Julien Dupré – La faneuse



MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

Desejo permanente de inovação

Fotografia (Cópia fiel)

↓
Novas formas de representar o real

Artistas vão **abandonando** a **arte figurativa** tradicional

Vlaminck



MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

Desejo permanente de inovação

Experimentam-se:

- Técnicas
- Materiais
- Novos tratamentos da forma, espaço e cor.

MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

NASCE O MODERNISMO E PARIS AFIRMA-SE COMO O GRANDE CENTRO DE MOVIMENTOS DE VANGUARDA

MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

PRIMEIRAS CORRENTES VANGUARDISTAS

- Fauvismo
- Expressionismo
- Cubismo
- Futurismo
- Abstraccionismo
- Surrealismo

PRIMEIRAS CORRENTES VANGUARDISTAS

- Fauvismo “as feras”
- Começaram a pintar com Cores puras

Matisse—
“Luzo, calma e Voluptuosidade”
1904/1905.



Fauvismo “as feras”

Paris
“Salão de Outono”
1905
Fauvismo “as feras”

Matisse – Madame Matisse,
“The Green Line” 1905.



Fauvismo “as feras”

- Matisse, Braque, Dérain e outros, são apelidados de feras pelas cores fortes e contrastes nas suas telas

Albert Marquet – A praia de Fécamp 1906



Fauvismo “as feras”

Maurice de Vlaminck – Barco à Vela no Sena 1906



Fauvismo “as feras”

André Dérain



Fauvismo “as feras”

André Dérain Vela a Secar 1905



Fauvismo “as feras”

André Dérain – Barcos em Collioure 1905



Fauvismo “as feras”

Georges Braque – L’Estaque 1906



Henri Matisse

Matisse – Mulher Espanhola com Pandieireta 1909

- Arte **não imitativa** (oposição naturalismo séc.XIX)
- Arte **expressionista** – revela **emoções** do artista perante o mundo que o rodeia



Henri Matisse

Matisse - A Dança 1909/10



Henri Matisse

- Cores puras e fortes contrastes
- Deformam figuras
- Diluem efeito de perspectiva tradicional

Matisse



Henri Matisse

Matisse - Harmonia em Vermelho - A mesa vermelha 1908



Henri Matisse

Matisse



Fauvismo "as feras"

- Representam a natureza de forma livre

Vlamink, 1925



EXPRESSIONISMO

Edvard Munch 1895

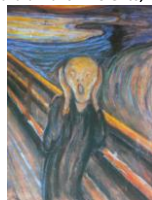
- Contemporâneo do Fauvismo
- Alemanha
- Partilha com o fauvismo: **Cores fortes e Deformação da realidade** (acentuar angústia e sofrimento)



EXPRESSIONISMO

Edvard Munch - O Grito, 1893

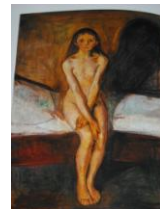
- Expressim sentimentos de revolta perante a miséria, a angústia, a solidão, o sofrimento...



EXPRESSIONISMO

Edvard Munch - Puberdade 1894

- Expressim sentimentos de revolta perante a miséria, a angústia, a solidão, o sofrimento...



EXPRESSIONISMO

Edvard Munch – Dança da Vida 1905

- Expressam sentimentos de revolta perante a miséria, a angústia, a solidão, o sofrimento...



EXPRESSIONISMO

Otto Dix – Inválidos de guerra .

- Representam cenas dramáticas
- Fazem a crítica social



EXPRESSIONISMO

Otto Dix

- Pintura intensa, apaixonada e muito pessoal
- A tela é um meio para demonstrar emoções.
- Principais pintores: Edvard Munch e Otto Dix.



MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

Todavia, as correntes artísticas mais inovadoras nos inícios do século XX foram o **Cubismo**, o **Futurismo** e o **Abstraccionismo**

O Cubismo

O Cubismo

- Novo método de construir a imagem
- Primeira década do séc. XX
- Desenvolvido por **Picasso**, **Braque** e **Léger**
- Pretende simbolizar o caos da vida moderna

PICASSO Estudo para "Les Femmes d'Alger" 1907



O Cubismo

PICASSO Les Femmes d'Alger 1907

A primeira manifestação cubista ocorre em 1907 com a obra de Picasso "As Meninas de Avinhão"



O Cubismo

PICASSO

- Representa figuras reais através de **formas geométricas** e da combinação de **diferentes ângulos de visão** do mesmo objecto



O Cubismo

LÉGER

- Dilui-se a oposição entre figura e fundo
- Renuncia-se à perspectiva e profundidade tradicionais



O Cubismo

BRAQUE Taça de Frutos e Vidro 1912

- Cerca de 1911, Picasso e Braque introduzem nas suas telas letras, datas, pedaços de jornais, papéis, tecidos, embalagens de cigarros, para se tornarem mais próximas da realidade.



O Cubismo

BRAQUE O Português 1911

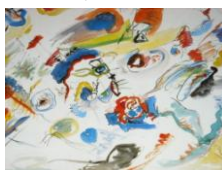
- Cerca de 1911, Picasso e Braque introduzem nas suas telas letras, datas, pedaços de jornais, papéis, tecidos, embalagens de cigarros, para se tornarem mais próximas da realidade.



O Abstraccionismo

Kandinsky 1912

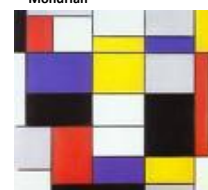
Como uma evolução do Cubismo, surge na 2ª década do século XX.



O Abstraccionismo

Mondrian

Arte: acto criativo, para além da mera percepção visual do mundo sensível



MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

O Abstraccionismo

Delaunay

- Pintura não figurativa (figuras/objectos)
- Representa as emoções e sensações do autor perante o real.



MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

O Abstraccionismo

Kandinsky

- Simples harmonia de linhas, cores e formas puras, abstraídas da realidade



MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

O Abstraccionismo

Mondrian

- A primeira obra totalmente abstracta foi pintada por Kandinsky, mas Delaunay e Mondrian foram também abstraccionistas famosos.



MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

O Futurismo

Balla

Influenciado pelo Cubismo e pelo Abstraccionismo, nasce, em Itália, por volta de 1910, o Futurismo



MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO
OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

O Futurismo

Exalta-se a **velocidade**, a **máquina**, as **tecnologias** modernas ligadas aos transportes e comunicações ... o ritmo da vida moderna, **industrial** e **urbana** e o **futuro**.

Balla



MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO
OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

O Futurismo

Dinamismo e Movimento
através de cores vivas,
contrastes e sobreposição
de imagens.

Boccioni



MOVIMENTOS ARTÍSTICOS DO MUNDO
OCIDENTAL -1ª METADE DO SÉCULO XX

O Futurismo

Principais representantes
desta corrente:
Balla
Boccioni
Carrá

Carrá



ANEXO C

Power Point “Os Materiais na arte e a abordagem destes materiais no ensino”

Power Point sobre o tema, os materiais na Arte e a abordagem destes materiais no ensino.

Andréa Sónia Escola E.B.- 2/3 da Mota 2009/2010

OS MATERIAIS NA ARTE E A ABORDAGENS DESTES MATERIAIS NO ENSINO

1

Andréa Sónia Escola E.B.2/3 da Mota 2009/2010

INTRODUÇÃO

✦ A arte é um elemento indispensável no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural da pessoa. A obra de arte articula **técnicas associadas aos materiais** através destes **materiais**, o artista transforma a sua imaginação, razão e emoção em obras de arte, que transmitem novas perspectivas, formas e densidades da sociedade em que vivemos.

2

Andréa Sónia Escola E.B.- 2/3 da Mota 2009/2010

O ÓLEO

✦ A ORIGEM DO ÓLEO

- ✦ O óleo foi consequência das progressivas modificações que se foram produzindo na elaboração da têmpera.
- ✦ Só a partir do século XV, esse material foi substituído pelo óleo.
- ✦ Este material veio proporcionar combinações de cores muito variáveis, que permitia representar de forma fiável as mais leves variações de luz, os reflexos, a densidade e a transparência das sombras.

3

Andréa Sónia Escola E.B.2/3 da Mota 2009/2010

ARTISTAS QUE TRABALHARAM O ÓLEO



Los Borrachos, Diego Velázquez, 1629, Óleo

7

Andréa Sónia Escola E.B.- 2/3 da Mota 2009/2010

ARTISTAS QUE TRABALHARAM O ÓLEO



Cézanne Natureza morta com maçãs e laranjas, 1895-1900, óleo sobre tela

8

Andréa Sónia Escola E.B.2/3 da Mota 2009/2010

ARTISTAS QUE TRABALHARAM O ÓLEO



Paul Klee.
Senecio, 1922.
Óleo sobre gaze.

Piet Mondrian, Broadway Boogie Woogie. 1942-43. Óleo sobre tela,

9

O ACRÍLICO

- ✖ O acrílico é uma tinta sintética solúvel em água que pode ser usada em camadas espessas ou finas.
- ✖ É uma tinta que seca depressa, limpa-se facilmente e permite trabalhos com óptima qualidade.
- ✖ Conserva o seu colorido sem amarelecer.

10

ARTISTAS QUE TRABALHARAM O ACRÍLICO



David Hockney, Beverly Hills Housewife, acrílico sobre tela



David Hockney pintando, Woldgate Wood, East Yorkshire, 2006. Foto de Jean-Pierre Gougeon

12

AGUARELA

- ✖ Nesta técnica não se utiliza a cor branca, pois é substituída pelo fundo branco do papel, têm o inconveniente, de não se conseguir corrigir depois de colocada a cor sobre a folha de papel, mas em contra partida apresenta uma frescura devido á rapidez de execução.

14

ARTISTAS QUE TRABALHARAM A AGUARELA



Alexander Cozens, A Mountainous Landscape, aguarela sobre papel



William Turner, S. Giorgio Maggiore: Early Morning, 1819, Watercolor, 22.4 x 28.7 cm, Tate Gallery, London

16

O PASTEL

- ✖ O Pastel é um material artístico para pintura/desenho.
- ✖ Foi só a partir do século XVIII que os artistas puderam usufruir de uma paleta completa de cores, pois até aí era limitada (preto e vermelho).
- ✖ O Pastel Seco é um material antigo.
- ✖ O Pastel de Óleo existe desde da década de 60 do século XX.

17

SUPOORTE E MATERIAIS



Os papeis Canson e Ingres, são excelentes para pastel seco e óleo.

Flexível e resistente, possui 60% de algodão na sua composição.

Com textura diversificada proporciona diferentes aspectos aos trabalhos artísticos

19

O CARVÃO

- ✖ O carvão, é um material de desenho muito adaptável, obtido durante séculos pela combustão controlada e parcial da madeira, é um dos materiais mais antigos da história. Produz traços negros e carregados que podem ser clareados se necessário, usando uma borracha (chamada borracha de pão), esfuminho ou até mesmo o dedo.

21

SUPOORTE E MATERIAIS



O carvão pode ser *natural*. Quanto mais lento for o processo de carbonização da madeira, mais macio é o carvão.

Ou *sintética*:

Fabricado a partir de pó de carvão prensado com um meio aglutinante, os seus traços são mais grossos e torna-se difícil conseguir tons esbatidos, é adequado para esboçar áreas onde é importante definir o tom.

Os papeis Canson e Ingres, são excelentes como suportes para a técnica do carvão.



Esfuminho

22

ANEXO D

- ✓ Artigo “os Materiais na Arte e a abordagem destes no Ensino”

Resumo

Neste artigo pretendo fazer referência a técnicas de pintura e à sua evolução ao longo da história, perceber as características de cada material, referenciar artistas que trabalharam determinada técnica, e perceber como é que essas técnicas são abordadas no ensino, nomeadamente na disciplina de Educação Visual, quais os materiais mais usados e quais aqueles que permitem uma maior eficácia na elaboração de determinados trabalhos. Quais os objectivos pretendidos, com a abordagem destes materiais nas escolas.

Palavras-chave: materiais, técnicas, ensino, experiência.

Introdução

A arte é um elemento indispensável no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural da pessoa. A obra de arte articula técnicas associadas aos materiais através destes materiais, o artista transforma a sua imaginação, razão e emoção em obras de arte, que transmitem novas perspectivas,

formas e densidades da sociedade em que vivemos.

A utilização dos diferentes meios de expressão permite desafios pessoais ou colectivos que contribuem para a construção da identidade pessoal de cada artista, facilitando desta forma um melhor entendimento por parte da sociedade.

Os materiais utilizados para a realização de obras de arte são inúmeros, neste artigo irei fazer referência a alguns materiais mais utilizados nas artes, o óleo, o acrílico, a aguarela, o carvão e o pastel (seco e óleo), irá ser feito um enquadramento histórico assim como referenciar alguns artistas que utilizaram esses materiais, dando origem a diferentes técnicas artísticas.

“... O pintor opera o desnudamento de que se lhe impõe como a verdade do mundo, essa verdade do mundo é posta em questão na verdade da pintura – um verdadeiro plano suportando verdadeiras matérias coloridas.”

http://www2.cm-vfxira.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=47649

O Óleo

“O pictórico nasceu no dia em que a técnica a óleo surgiu. Aquilo que era, apenas, uma camada colorante relativamente igual tornou-se uma matéria de espessuras variáveis, e susceptível, se oferecer a ocasião, de ser quase modelada pelo pincel e mesmo, mais tarde, pela faca.”

René Huyghe, 2002 p:262

O óleo foi consequência das progressivas modificações que se foram produzindo na elaboração da têmpera, pintura que se preparava misturando pigmentos com cola, gema de ovo e com outra matéria glutinosa quente e água. Os pintores italianos mais especificamente Giotto, Fra Angélico, Mantegna, elaboraram a maior parte dos seus trabalhos mediante a técnica da pintura a tempera, só a partir do século XV, esse material foi substituído pelo óleo.

“Em Piero de La Francesca (1420-1492), detecta-se já o emprego de uma têmpera bastante gorda, o que significa adição de óleo nos pigmentos, para obter aquilo que se acabaria por designar por «óleo».”

Técnicas de Pintura, p: 9, Edições Génesis.

Com o surgir do óleo na pintura houve a possibilidade de obter combinações de cores muito variáveis, que permitia representar de forma fiável as mais leves variações de luz, os reflexos, a densidade e a transparência das sombras. Dado que utiliza veículos gordos, não existe uma proporção fixa entre o dissolvente e o pigmento, e cada artista pode regular a mistura destes elementos de acordo com o seu gosto e em qualquer momento da elaboração da obra. É um material que se revela muito cómodo pois permite trabalhar em “fresco” durante muito tempo porque as cores que se obtêm com este material dificilmente é obtido por outros meios, variam muito pouco entre os estados húmido e seco. Existe também uma vasta gama de pastas, que vão desde a fluida e transparente (semelhante à aguarela) até a seca e de grande espessura. O que mais evoluiu ao longo dos séculos foi o aspecto técnico da pintura a óleo. Estão já muito distantes os dias em que a elaboração de um quadro era uma tarefa laboriosa e lenta, onde o artista/artesão conhecia a fundo os seus próprios materiais, como os fabricava ele mesmo, aspecto ultrapassado, pois os avanços técnicos permitiram atingir índices de qualidade de enorme importância.

“ Porque o momento e o lugar do fazer, o espaço e o tempo do criar, pertencem sempre aos do tocar na matéria, aos do sentir a respiração do que nasce sob o olhar.”

http://www2.cm-vfxira.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=47649

Em seguida irá ser feita uma breve panorâmica de alguns pintores que utilizaram este material como meio de divulgação da sua arte.



Los Borrachos, Diego Velásquez, 1629, óleo.

Esta é uma das muitas pinturas realizadas por este pintor, onde utilizou o óleo como meio, na procura de uma representação ideal do mundo em formas ideais.



A ronda nocturna, Rembrandt, 1642, Óleo sobre tela.

“As cores tornaram-se mais ricas, e o pincel mais destacado. Com essas mudanças, Rembrandt distanciou-se de seus primeiros trabalhos e da moda da época, com inclinação cada vez maior para trabalhos mais finos e detalhados.”

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rembrandt>



Cézanne- Natureza morta com maçãs e laranjas, 1895-1900, óleo sobre tela.

“Existe uma lógica de cores, é apenas a ela, e não á do cérebro, que o pintor deve obedecer.”

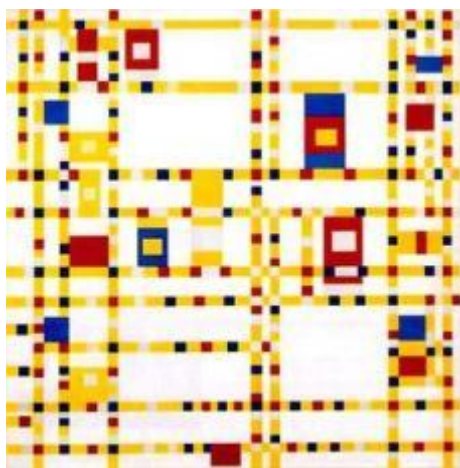
<http://www.google.pt/search> Paul+C%C3%A9zanne



Klee. Senecio, 1922. Óleo sobre gaze.

“A cor tomou posse de mim; eu não mais tenho que persegui-la, pois sei que ela está presa a mim para sempre... A cor e eu somos um. Eu sou um pintor.”

<http://www.google.pt/search> Paul+klee



Piet Mondrian. Broadway Boogie-Woogie. 1942-43. Óleo sobre tela,

“As cores primárias (amarelo, azul, magenta) com o preto e o branco em uma superfície plana são, o que o

artista utiliza para buscar a arte pura da maneira mais abstrata.”

<http://casampb.multiply.com/journal/item/2>

Aguarela

Na pintura antiga a aguarela foi um processo pouco utilizado, podemos encontrar vestígios na cultura chinesa e japonesa, que deram provas mais que suficientes da sua mestria no domínio dos meios de pintura a água, e nos iluministas medievais, que utilizaram a aguarela antes do guache na ilustração de livros e códices.

Segundo o livro *“Técnicas diversas, aguarela os efeitos da água”* das edições Génesis, o verdadeiro auge da aguarela começa no século XVIII, a técnica passou a ser considerada como um método autónomo e independente, difundida em toda a Europa e reconhecida como a “Arte Inglesa”. Neste momento surgem nomes como Alexander Cozens, o poeta pintor William Blake, John S. Cotman, Peter de Wint e John Constable, mas foi sem dúvida William Turner, quem melhor soube explorar suas possibilidades; e muitos desconhecem que Turner produziu mais de 19.000 aguarelas.



Alexander Cozens, A Mountainous Landscape, aguarela sobre papel.

A técnica, deste artista consistia em cobrir o papel com o que ele chamou de “*borrões*”, colocava arbitrariamente todos os elementos da paisagem, no sentido de desenvolver um cenário imaginário, com uma leveza extraordinária, uma vez que esta técnica permitia conservar sempre a sua transparência, ao contrário de outros materiais.

Nesta técnica não se utiliza a cor branca, pois é substituída pelo fundo branco do papel, têm o inconveniente, de não se conseguir corrigir depois de colocada a cor sobre a folha de papel, mas em contra partida apresenta uma frescura devido á rapidez de execução.

A aguarela é um material indicado fundamentalmente para a elaboração de paisagens, e de esboços rápidos, onde o movimento incontável das pinceladas dá uma leveza, extremamente atraente nesta técnica de pintura, uma vez que a

secagem depende só exclusivamente da evaporação da água.



William Turner, S. Giorgio Maggiore: Early Morning 1819; Watercolor, 22.4 x 28.7 cm; Tate Gallery, London



William Turner, Moonlight c. 1840; Watercolor with dabs of body color, 24.5 x 30.3 cm; Tate Gallery, London

“A forma como Turner trata a água, o céu e a atmosfera, em geral afasta-se de todo o realismo natural e transforma-se no reflexo anímico da situação. As pinceladas soltas e difusas dão forma a um torvelinho de nuvens e ondas, a uma desesperança interior que se transmite à natureza, uma das características básicas do romantismo.”

http://pt.wikipedia.org/wiki/william_Turner

Acrílico

A tinta acrílica só se diferencia dos restantes materiais, nos seus fixadores (isto é, a substância ou aglutinante que faz com que se mantenham unidos os pigmentos secos em pó). No caso das aguarelas, utiliza-se a goma – arábica, que se dissolve na água, no caso da pintura a óleo, é o óleo de linhaça, no caso da tinta acrílica o fixador é um plástico criado pelo homem.

Conserva o seu colorido sem amarelecer com o tempo, como acontece com o óleo, nem se desvanece, como no caso da aguarela. Pode-se pintar sobre qualquer superfície não gordurosa. Devido á sua plasticidade, flexibilidade, as pinturas realizadas a acrílico podem enrolar-se facilmente, sem receio de estalar.

Dos anos 20, aos anos 60, a tinta acrílica era um produto criado para uso industrial.

A tinta acrílica só adquiriu a sua reputação como meio pictórico com os pintores pertencentes ao movimento denominado “Pop Art”, pois era um material que se adaptava bem às fantasias desses artistas, podendo-se corrigir facilmente os erros (cobrindo-os com uma camada de tinta branca, ou de estuque acrílico). Artistas, esses que se dedicavam a pintar um mundo plástico

de cartazes, latas, letreiros de paragens de autocarros e era natural que um meio plástico moderno, como é a tinta acrílica os atraísse.



David Hockney. *Beverly Hills Housewife*. Acrílico sobre telas,



David Hockney pintando. Woldgate Wood, East Yorkshire, 2006. Foto de Jean-Pierre Gonçalves

“Hockney, renova o seu interesse e o seu gosto pela pintura com o uso do acrílico, pintou muitos dos seus retratos..., utilizando para isso o novo material, do qual tirou bastante partido.”

Clouse, Wendy-(1999, p:14)



Álvaro Lapa, sem título, acrílico sobre tela.

O Carvão

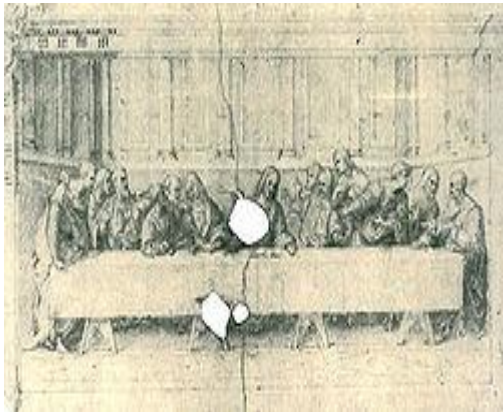
O carvão, é um material de desenho muito adaptável, obtido durante séculos pela combustão controlada e parcial da madeira, é um dos materiais mais antigos da história. Produz traços negros e carregados que podem ser clareados se necessário, usando uma borracha (chamada borracha de pão), esfuminho ou até mesmo o dedo.

Quanto mais lento for o processo de carbonização da madeira, mais macio é o carvão. O carvão mais utilizado pelos artistas é sobretudo obtido a partir da videira e do salgueiro, sendo que o da videira, segundo o livro “Segredos do Desenho e Pintura do autor Jenny RodWell”, é o de melhor qualidade. O carvão comprimido, é fabricado a partir de pó de carvão prensado com um meio aglutinante, os seus traços são mais grossos e torna-se difícil conseguir tons

esbatidos, é adequado para esboçar áreas onde é importante definir o tom. A escolha do papel é muito importante neste material, sendo que os papéis de aguarela, devido, as suas superfícies rugosas, facilitam na criação de um desenho com uma textura viva, contudo existem outros tipos de papel, que proporcionam trabalhos positivos. O papel de aguarela “cotman” é um papel feito em máquina de molde muito económico e muito versátil. Tem uma coloração branca quente e é 100% isento de ácidos. É um papel muito forte e estável, permitindo um bom grau de resistência e absorvência. Para prevenir o desvanecer do trabalho, deve utilizar-se fixador sempre que o desenho esteja concluído.

“Actualmente é correntemente usado em aulas de artes visuais e em escolas e academias de arte, pois proporciona gradações muito expressivas. Nas aulas de desenho e figura humana é um dos materiais mais usados pelas suas óptimas características de riscador, que se deposita suavemente no papel ao sabor dos gestos e que é possível apagar com miolo de pão, borrachas apropriadas (por ex: PVC) ou mesmo com um pano macio.”

<http://www.forum.missangarte.pt/index.php?topic=44.0>



Esboço a carvão para a pintura da Última Ceia, Leonardo da Vinci.



Esboço do rosto de Filipe, a carvão, Leonardo da Vinci

Pasteis

A utilização dos pastéis sob a forma de barras e lápis data do século XV, embora os mestres do Renascimento italiano como Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, Rafael, e Andrea del Sarto apenas tivessem à sua disposição uma paleta limitada de preto, branco e vermelho, escolheram este material para fazerem

estudos e desenhos introdutórios as suas obras de arte. Mas foi apenas no século XVIII que os artistas puderam usar uma paleta completa de cores e puderam explorar devidamente as suas técnicas. Um dos mais conhecidos pintores a pastel foi Maurice Quentin de La Tour, que utilizava esta técnica de uma maneira leve, dando desta forma um acabamento suave aos seus trabalhos, muitos outros artistas se renderam as características técnicas deste maravilhoso material, tais como; Jean-Baptiste Perroneau, Francis Cotes, Thomas Lawrence, que o utilizaram essencialmente para fazerem retratos e paisagens.

Edgar Degas utilizou bastante os pastéis na década de 1870, para os seus quadros e desenhos sobre “Bailarinas”. A sua técnica e estilo influenciou grandemente os impressionistas, que utilizavam esta técnica como um meio ideal para a experimentação e para exprimirem os seus estilos pessoais.



LOUIS XV REI DA
FRANÇA

PASTEL DE MAURICE QUENTIN DE LA TOUR, 1748



La Toilette, Edgar Degas
Pastel over monotype on paper
1884-1886

“Degas experimentou um conjunto de técnicas, rompendo-se texturas de superfícies com incubação, contrastando com pastel seco molhado, e usando a aguarela para suavizar os contornos das suas figuras. “

No ensino

No que se refere ao ensino das Artes, é importante, dar a descobrir as possibilidades expressivas de vários materiais (óleos, acrílicos, aguarelas...), assim como os suportes, no sentido de os alunos vivenciarem aprendizagens diversificadas, e desenvolverem competências no campo das artes. Só através da experiência, os alunos verificarão a importância da escolha dos materiais e instrumentos em função do trabalho a executar.

“A experiência educativa é uma experiência em que participa o pensamento, através do qual se percebe relações e continuidades antes não percebidas. A experiência desenvolve os conhecimentos, enriquece o espírito e dá significação mais profunda à vida. É nisso que consiste a educação”.

http://www.unilestemg.br/revistaonline/volumes/01/download/s/artigo_16.doc

Os objectivos pretendidos, com a abordagem dos materiais no ensino, são:

-Conhecer as propriedades dos materiais.

- Caracterizar os materiais a partir da percepção das suas propriedades físicas (cor, brilho, cheiro, textura, etc.)

-Conhecer modificações das propriedades das matérias sob o efeito de alguns agentes.

-Considerar as características e propriedades dos materiais para o seu armazenamento.

-Conhecer as formas de apresentação dos materiais no mercado (normalização).

-Conhecer a diversificação da aplicação dos materiais na Arte.

“Utilizar a matéria colorida, não apenas para guarnecer a silhueta desenhada, mas para exhibir o sortilégio cromático, para fixar os impulsos felizes do pincel.”

René Huyghe, 2002, p:262.

Conclusão

A experiência da aprendizagem deve implementar dinâmicas pedagógicas de acordo com a realidade da comunidade escolar, também deve diversificar e mostrar novas formas de ensino, de forma a pegar naquela realidade e melhorá-la, introduzindo diversas técnicas e materiais.

Compete dessa forma ao professor, facilitar o acesso aos materiais,

e verificar quais os materiais mais propícios à elaboração dos projectos a que se propõe alcançar, no sentido de criar a experiência educativa que por sua vez irá resultar em novos conhecimentos, que irão enriquecer os nossos alunos, torná-los autónomos para quando trabalharem com esses materiais, tenham o conhecimento das suas características e das técnicas a eles subjacentes, assim como abrir novas portas para as opções profissionais futuras.

“O professor, deixará de ser um leccionador para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem um [...] mediador do conhecimento, um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e sobretudo, um organizador de aprendizagem”

Gadotti, Moacir, (2002,p:32)

<http://www.google.pt/searchPaul+C%C3%A9zanne>

<http://www.google.pt/searchPaul+Klee>

<http://casampb.multiply.com/journal/item/2>

http://pt.wikipedia.org/wiki/William_Turner

<http://translate.google.pt/translate>

<http://www.forum.missangarte.pt/index.php?topic=44.0>

Referências Citadas:

René Huyghe, 2002, “Dialogo com o visível”, Bertrand Editora.

Técnicas de Pintura, Edições Génesis

Clouse, Wendy- Segredos do desenho e da pintura, ediclube.

Gadotti, Moacir, A boniteza de um sonho: aprender e ensinar com sentido. Abceducatio.

Rodwell Jenny, Segredos do desenho e Pintura, ediclube.

http://www.unilestemg.br/revistaonline/volumes/01/downloads/artigo_16.doc

http://www2.cmvfxira.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=47649

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rembrandt>

ANEXO E

Questionário n.º1

Questionário N°1

Este questionário foi criado no âmbito de um estudo do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo e Ensino Secundário. É anónimo e destina-se à recolha de elementos sobre o perfil dos alunos participantes da Escola EB 2/3 De Mota.

1. Agregado Familiar

1.1 A tua família é constituída por :Mãe ☐ Irmãos -Número ☐

Pai ☐

Avó/ô ☐

Outros _____

2. Ocupação dos tempos extra-escolares

2.1 O que costumavas fazer quando chegas a casa, no final das aulas? _____

E durante o fim-de-semana? _____

Qual é o teu passatempo preferido? _____

Qual o teu programa televisivo preferido? _____

Já alguma vez fostes a um museu/ exposição? _____

Qual? _____

Conheces a obra de algum Pintor (artista plástico)? Sim ☐

Não ☐

Qual? _____

Na tua zona de residência tens acesso a museus, cinemas, etc.? Sim ☐ Não ☐

Quais? _____

Tens internet em casa? Sim ☐

Não ☐

Para que fins? _____

ANEXO F

Questionário n.º2

Questionário – Alunos

O presente questionário tem como objectivo elaborar um projecto com as turmas do 9º ano da escola EB2/3 de Mota

Pretende-se efectuar um estudo acerca dos materiais e técnicas que tu conheces, e se esses materiais são importantes para a tua aprendizagem na disciplina de Educação Visual. Nesse sentido agradeço que preenchas o seguinte questionário.

Encontrarás abaixo questões acerca deste assunto.

É importante que as tuas respostas reflectam uma opinião pessoal.

Lê as questões, preenche os espaços vazios e assinala com um X a tua preferência.

Não precisas de escrever o teu nome. O questionário é anónimo.

Obrigado por partilhares as tuas opiniões.

1. Idade _____.

2. Sexo

M F ☐ ☐

3. Quais foram os materiais que já utilizaste?

Lápis de cor ____; marcadores ____; guaches ____; aguarelas ____; carvão ____; pastel de óleo ____; pastel seco ____; acrílico ____; óleo ____; tintas de vidro ____; outros _____.

4. Dos materiais que trabalhaste, quais foram os que mais gostaste?

Lápis de cor ____; marcadores ____; guaches ____; aguarelas ____; carvão ____; pastel de óleo ____; pastel seco ____; acrílico ____; óleo ____; tintas de vidro ____; outros _____.

Diz porquê?

5. Sentiste dificuldade em trabalhar esses materiais?

Sim ____ Não ____ Mais ou Menos ____

6. Qual é o material que utilizas com maior frequência? Porquê?

7. Qual o material que gostarias de experimentar?

8. Quais são os suportes que tu conheces?

Papel Cavalinho ____ Tela ____ Papel de Aguarela ____ Cartão ____
Vidro ____ Tecido ____ Outros _____

9. Qual é aquele que mais utilizas?

Papel Cavalinho ____ Tela ____ Papel de Aguarela ____
Cartão ____ Vidro ____ Tecido ____ Outros _____

Porquê?

10. Qual o suporte no qual tu gostarias de poder trabalhar? Porquê?

11. No meio onde vives tens facilidades em comprar esses materiais?

Sim ____ Não ____

12. Gostas da Disciplina de Educação Visual?

1(Pouco)___ 2(Mais ou Menos)___ 3(Muito)___

13. Consideras que na disciplina de Educação Visual deveria ser dada maior importância à diversidade dos materiais, técnicas e suportes como forma de incentivo e motivação á pratica da arte?

Sim ___ Não ___

Porquê?

14. Consideras que os professores de educação visual, deveriam abrir mais espaços de descoberta e de experimentação de novos materiais, na sala de aula?

Sim ___ Não ___

Porquê?

ANEXO G

Questionário n.º3

Questionário (3)

Este questionário foi criado no âmbito do Mestrado de Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo e Ensino Secundário. É anónimo e destina-se á recolha da tua opinião sobre o projecto desenvolvido.

1- Achas que os materiais utilizados contribuíram para a tua formação pessoal?

Sim ____ Não ____ Talvez ____

2- Gostastes de experimentar esses materiais?

Sim ____ Não ____ Talvez ____

3- Ficaste curioso em experimentar outros materiais?

Sim ____ Não ____ Talvez ____

4- Gostarias que as aulas continuassem mais experimentais?

Sim ____ Não ____ Talvez ____

5- E agora, já te sentes ou não, mais motivado para a disciplina de Educação Visual?

Sim ____ Não ____ Talvez ____

Obrigada pela atenção!

